

# Discurso do Método

René Descartes

# Lê. Aprende. Cresce.

Este documento foi baixado de InfoLivros de forma legal, e isso é incrível!

Em InfoLivros, nos esforçamos incansavelmente para que livros excepcionais estejam disponíveis gratuitamente para todos.

**Mas este livro não é o final...**



**Milhares de Livros Grátis:** Com mais de 3.500 livros em nosso catálogo, sua próxima grande leitura está esperando por você. Procura inspiração, aventura ou



**Sem Custos, Sem Complicações:** Em InfoLivros, acreditamos no acesso livre e fácil ao conhecimento. Todos os nossos livros estão disponíveis sem nenhum custo e sem necessidade de registro. Sim, é tão simples assim!



**Descubra e Aprenda:** Mergulhe em nossa ampla variedade de temas e encontre exatamente o que você precisa. Desde clássicos literários até livros contemporâneos, nosso conteúdo é projetado para enriquecer sua mente e espírito.

**Para ler e baixar  
livros grátis, visite**

**InfoLivros**



[infolivros.org/livros-pdf-gratis/](https://infolivros.org/livros-pdf-gratis/)

|<sup>41</sup> |<sup>29</sup> PRIMEIRA PARTE

[1] O bom senso é a coisa do mundo melhor partilhada, pois cada qual pensa estar tão bem provido dele, que mesmo os que são mais difíceis de contentar em qualquer outra coisa não costumam desejar tê-lo mais do que o têm. E não é verossímil que todos se enganem a tal respeito; mas isso antes testemunha que o poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se denomina o bom senso ou a razão, é naturalmente igual em todos os homens; e, destarte, que a diversidade de nossas opiniões não provém do fato de serem uns mais racionais do que outros, mas somente de conduzirmos nossos pensamentos por vias diversas e não considerarmos as mesmas coisas. Pois não é suficiente ter o espírito bom, o principal é aplicá-lo bem. As maiores almas são capazes dos maiores vícios, tanto quanto das maiores virtudes, e os que só andam muito lentamente podem avançar muito mais, se seguirem sempre o caminho reto, do que aqueles que correm e dele se distanciam.

[2] Quanto a mim, jamais presumi que meu espírito fosse em nada mais perfeito do que os do comum; amiúde desejei mesmo ter o pensamento tão rápido, ou a imaginação tão nítida e distinta, ou a memória tão ampla ou tão presente, quanto alguns outros. E não sei de quaisquer outras qualidades, exceto as que servem à perfeição do espírito; pois, quanto à razão ou ao senso, posto que é a única coisa que nos torna homens e nos distingue dos animais, quero crer que existe inteiramente em cada um, e seguir nisso a opinião comum dos filósofos, que dizem não haver mais nem menos senão entre os *acidentes*, e não entre as *formas* ou naturezas dos *indivíduos* de uma mesma *espécie*<sup>2</sup>.

|<sup>42</sup> [3] Mas não temerei dizer que penso ter tido muita felicidade de me haver encontrado, desde a juventude, em certos caminhos, que me conduziram a considerações e máximas, de que formei um método, pelo qual me parece que eu tenha meio de aumentar gradualmente meu conhecimento, e de alçá-lo, pouco a pouco, ao mais alto ponto, a que a mediocridade de meu espírito e a curta duração de minha vida lhe permitam atingir<sup>3</sup>. Pois já colhi dele tais frutos que, embora no juízo que faço de mim próprio eu procure pender mais para o lado da desconfiança do que para o da presunção, e que, mirando com um olhar de filósofo as diversas ações e empreendimentos de todos os homens, não haja quase nenhum que não me pareça vão e inútil, não deixo de obter extrema |<sup>30</sup> satisfação do

2. É acidente o que pertence a um ser sem pertencer à sua essência. — “Os filósofos” designam, como sempre em Descartes, os escolásticos.

3. Cf. a definição de sabedoria (assimilada à ciência) no Prefácio dos *Princípios*: “O perfeito conhecimento de todas as coisas que o homem pode saber, tanto para a conduta da vida quanto para a conservação da saúde e a invenção de todas as artes”.

progresso que penso já ter feito na busca da verdade e de conceber tais esperanças para o futuro que, se entre as ocupações dos homens puramente homens<sup>4</sup>, há alguma que seja solidamente boa e importante, ousou crer que é aquela que escolhi.

[4] Todavia, pode acontecer que me engane, e talvez não passe de um pouco de cobre e vidro o que eu tomo por ouro e diamantes. Sei como estamos sujeitos a nos equivocarmos no que nos tange, e como também nos devem ser suspeitos os juízos de nossos amigos, quando são a nosso favor. Mas estimaria muito mostrar, neste discurso, quais os caminhos que segui, e representar nele a minha vida como num quadro, para que cada qual possa julgá-la e que, informado pelo comentário geral das opiniões emitidas a respeito dela, seja este um novo meio de me instruir, que juntarei àqueles de que costume me utilizar.

[<sup>43</sup> 5] Assim, o meu desígnio não é ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para bem conduzir sua razão, mas apenas mostrar de que maneira me esforcei por conduzir a minha. Os que se metem a dar preceitos devem considerar-se mais hábeis do que aqueles a quem as dão; e, se falham na menor coisa, são por isso censuráveis. Mas, não propondo este escrito senão como uma história, ou, se o preferirdes, como uma fábula, na qual, entre alguns exemplos que se podem imitar, se encontrarão talvez também muitos outros que se terá razão de não seguir, espero que ele será útil a alguns, sem ser nocivo a ninguém, e que todos me serão gratos por minha franqueza.

[6] Fui nutrido nas letras<sup>5</sup> desde a infância, e por me haver persuadido de que, por meio delas, se podia adquirir um conhecimento claro e seguro de tudo o que é útil à vida, sentia extraordinário desejo de aprendê-las. Mas, logo que terminei esse curso de estudos, ao cabo do qual se costuma ser recebido na classe dos doutos, mudei inteiramente de opinião. Pois me achava enleado em tantas dúvidas e erros, que me parecia não haver obtido outro proveito, procurando instruir-me, senão o de ter descoberto cada vez mais a minha ignorância. E, no entanto, estivera numa das mais célebres escolas da Europa<sup>6</sup>, onde pensava que deviam existir homens sábios, se é que existiam em algum lugar da Terra. Aprendera aí tudo o que os outros aprendiam, e mesmo, não me tendo contentado com ciências que nos ensinavam, percorrera todos os livros que tratam daquelas que são

---

4. Os “homens puramente homens” são homens considerados ao nível da exclusiva “luz natural”, abstraindo-se qualquer assistência que Deus possa proporcionar-lhes. É doutrina constante em Descartes que o filósofo deva deixar ao teólogo toda investigação do sobrenatural: “Para o filósofo, basta considerar o homem na medida em que, nas coisas naturais, só depende de si; e eu, de meu lado, escrevi minha filosofia de modo que possa ser recebida em toda parte, mesmo entre os turcos, e que eu não cause escândalo a ninguém” (*Col. com Burman*, A.T. VI, 550). “Não devemos submeter a teologia a raciocínios”.

5. Isto é: a Gramática, a História, a Poesia, a Retórica.

6. O colégio dos jesuítas de La Flèche, fundado em 1604, onde Descartes entrou em 1606. Descartes nunca depreciou La Flèche, como pretende a lenda, permanecendo sempre em bons termos com seus mestres. Assim, a excelência do ensino em La Flèche só acusa melhor ainda a insuficiência da tradição cultural.

consideradas as mais curiosas e as mais raras, que vieram a cair em minhas mãos. Além disso, eu conhecia os juízos que os outros faziam de mim; e não via de modo algum que me julgassem inferior a meus discípulos, embora entre eles houvesse alguns já destinados a preencher os lugares de nossos mestres. E, enfim, o nosso século parecia-me tão florescente e tão fértil em bons espíritos como qualquer dos precedentes. O que me levava a tomar a liberdade de julgar por mim todos os outros e de pensar que não existia doutrina no mundo que fosse tal como dantes me haviam feito esperar.

<sup>[44]</sup> [7] Não deixava, todavia, de estimar os exercícios com os quais se ocupam nas escolas. Sabia que as línguas que nelas se aprendem são necessárias ao entendimento dos livros antigos; que a gentileza das fábulas desperta o espírito; que as realizações memoráveis das histórias o alevantam, e que, sendo lidas com discrição, ajudam a formar o juízo; que a leitura de todos os bons livros é igual a uma conversação com as pessoas mais qualificadas dos séculos passados, que foram seus autores, e até uma conversação premeditada, na qual eles nos revelam tão-somente os melhores de seus pensamentos; que a eloquência tem forças e belezas incomparáveis; que a poesia tem delicadezas e ternuras muito encantadoras; que as Matemáticas têm invenções bastante sutis, e que podem servir muito, tanto para contentar os curiosos, quanto para facilitar todas as artes e diminuir o trabalho dos homens; que os escritos que tratam dos costumes contêm muitos ensinamentos e muitas exortações à virtude que são muito úteis; que a Teologia ensina a ganhar o céu; que a Filosofia dá meio de falar com verossimilhança de todas as coisas e de se fazer admirar pelos menos eruditos; que a Jurisprudência, a Medicina e as outras ciências trazem honras e riquezas àqueles que as cultivam; e, enfim, que é bom tê-las examinado a todas, até mesmo as mais supersticiosas e as mais falsas, a fim de conhecer-lhes o justo valor e evitar ser por elas enganado.

[8] Mas eu acreditava já ter dedicado bastante tempo às línguas, e mesmo também à leitura dos livros antigos, às suas histórias e às suas fábulas. Pois quase o mesmo que conversar com os de outros séculos, é o viajar. É bom saber algo dos costumes de diversos povos, a fim de que julguemos os nossos mais sãmente e não pensemos que tudo quanto é contra os nossos modos é ridículo e contrário à razão, como soem proceder os que nada viram. Mas, quando empregamos demasiado tempo em viajar, acabamos tornando-nos estrangeiros em nossa própria terra; e quando somos demasiado curiosos das coisas que se praticavam nos séculos passados, ficamos ordinariamente muito ignorantes das que se praticam no presente. Além do mais, as fábulas fazem imaginar como possíveis muitos eventos que não o são, e mesmo as histórias mais fiéis, se não mudam nem alteram o valor

das coisas para torná-las mais dignas de serem lidas, ao menos omitem quase sempre as circunstâncias mais baixas e menos ilustres, de onde resulta que o resto não parece tal qual é, e que aqueles que regulam os seus costumes pelos exemplos que deles tiram estão sujeitos a cair nas extravagâncias <sup>[45]</sup> dos paladinos de nossos romances e a conceber desígnios que ultrapassam suas forças<sup>7</sup>.

[9] Eu apreciava muito a eloquência e estava enamorado da poesia; mas pensava que uma e outra fossem dons do espírito, mais do que frutos do estudo. Aqueles cujo raciocínio é mais vigoroso e que melhor digerem<sup>8</sup> seus pensamentos, a fim de torná-los claros e inteligíveis, podem sempre persuadir melhor os outros daquilo que pro- <sup>[32]</sup> põem, ainda que falem apenas baixo bretão<sup>9</sup> e nunca tenham aprendido retórica. E aqueles cujas invenções são mais agradáveis e que as sabem exprimir com o máximo de ornamento e doçura não deixariam de ser os melhores poetas, ainda que a arte poética lhes fosse desconhecida<sup>10</sup>.

[10] Comprazia-me sobretudo com as Matemáticas, por causa da certeza e da evidência de suas razões; mas não notava ainda seu verdadeiro emprego, e, pensando que serviam apenas às artes mecânicas, espantava-me de que, sendo seus fundamentos tão firmes e tão sólidos, não se tivesse edificado sobre eles nada de mais elevado<sup>11</sup>. Tal como, ao contrário, eu comparava os escritos dos antigos pagãos que tratam de costumes a palácios muito soberbos e magníficos, erigidos apenas sobre a areia e a lama. Erguem muito alto as virtudes e apresentam-nas como as mais estimáveis entre todas as coisas que existem no <sup>[46]</sup> mundo; mas não ensinam bastante a conhecê-las, e amiúde o que chamam com um nome tão belo não é senão uma insensibilidade, ou um orgulho, ou um desespero, ou um parricídio<sup>12</sup>.

[11] Eu reverenciava a nossa Teologia e pretendia, como qualquer outro, ganhar o céu; mas, tendo aprendido, como coisa muito segura, que o seu caminho não está menos aberto aos mais ignorantes do que aos mais doutos e que as verdades reveladas que para lá conduzem estão acima de nossa inteligência, não me ousaria submetê-las à fraqueza de

---

7. Descartes dirá que as línguas, a Geografia, a História, são adquiridas “sem nenhum discurso da razão”: elas recorrem apenas à memória, jamais à razão. Essa distinção entre as “ciências racionais” e “históricas” é fundamental nos Clássicos; será mantida por Kant.

8.\* *Digerem*: ordenam, segundo o sentido primitivo do latim *digerere*, cf. Littré [(N. do T.)].

9. Sinal da pouca importância que Descartes concede à língua: todo pensamento pode exprimir-se em qualquer língua.

10. As regras da arte não são de menosprezar, mas em arte não há método e nela o aprendizado tem só uma pequena parte. Este primado reconhecido à inspiração atesta a mutação ocorrida na condição do “artista”, embora o século XVII ainda o denomine “artesão”.

11. Parece que o ensino das Matemáticas era ministrado tendo sobretudo em mira as suas aplicações técnicas (cartografia, fortificações, agrimensura). Gilson observa que este caráter “aplicado” das matemáticas devia tornar ainda mais estranha a física aristotélica que era ensinada ao mesmo tempo. Ele cita, em apoio, um texto antiaristotélico de Clavius, autor de um compêndio de Matemática versado por Descartes.

12. Alusão aos estoicos.

meus raciocínios, e pensava que, para empreender seu exame e lograr êxito, era necessário ter alguma extraordinária assistência do céu e ser mais do que homem.

[12] Da filosofia nada direi, senão que, vendo que foi cultivada pelos mais excelsos espíritos que viveram desde muitos séculos e que, no entanto, nela não se encontra ainda uma só coisa sobre a qual não se dispute, e por conseguinte que não seja duvidosa, eu não alimentava qualquer presunção de acertar melhor do que outros; e que, considerando quantas opiniões diversas, sustentadas por homens doutos, pode haver sobre uma e mesma matéria, sem que jamais possa existir mais de uma que seja verdadeira, reputava quase como falso tudo quanto era somente verossímil<sup>13</sup>.

[13] Depois, quanto às outras ciências, na medida em que tomam seus princípios da Filosofia, julgava que nada de sólido se podia construir sobre fundamentos tão pouco firmes. E nem a honra, nem o ganho que elas prometem, eram suficientes para me incitar a aprendê-las; pois não me sentia, de modo algum, graças a Deus, numa condição que me obrigasse a converter a ciência num mister, para o alívio de <sup>33</sup> minha fortuna; e conquanto não fizesse profissão de desprezar a glória como um cínico, fazia, entretanto, muito pouca questão daquela que eu só podia esperar adquirir com falsos títulos. E enfim, quanto às más doutrinas, pensava já conhecer bastante o que valiam, para não mais estar exposto a ser enganado, nem pelas pro- <sup>47</sup> messas de um alquimista, nem pelas predições de um astrólogo, nem pelas imposturas de um mágico, nem pelos artificios ou jactâncias de qualquer dos que fazem profissão de saber mais do que sabem.

[14] Eis por que, tão logo a idade me permitiu sair da sujeição de meus preceptores, deixei inteiramente o estudo das letras. E, resolvendo-me a não mais procurar outra ciência além daquela que poderia achar em mim próprio, ou então no grande livro do mundo, empreguei o resto de minha mocidade em viajar, em ver cortes e exércitos, em freqüentar gente de diversos humores e condições, em recolher diversas experiências, em provar a mim mesmo nos reencontros que a fortuna me propunha e, por toda parte, em fazer tal reflexão sobre as coisas que se me apresentavam, que eu pudesse delas tirar algum proveito. Pois afigurava-se-me poder encontrar muito mais verdade nos raciocínios que cada qual efetua no que respeitante aos negócios que lhe importam, e cujo desfecho, se julgou mal, deve puni-lo logo em seguida, do que naqueles que um homem de letras faz em seu gabinete, sobre especulações que não produzem efeito algum e que não lhe trazem

---

13. Descartes visa aqui à “disputa” escolástica que se convertera em exercício escolar e ao hábito dos professores de citar e refutar as opiniões de diferentes autores. Descartes (que não haveria de apreciar os nossos manuais de Filosofia) pensa que a verdade é uma só (“não havendo senão uma verdade de cada coisa...”) e que ela compele todos os espíritos ao assentimento.

outra conseqüência senão talvez a de lhe proporcionarem tanto mais vaidade quanto mais distanciadas do senso comum, por causa do outro tanto de espírito e artifício que precisou empregar no esforço de torná-las verossímeis<sup>14</sup>. E eu sempre tive um imenso desejo de aprender a distinguir o verdadeiro do falso, para ver claro nas minhas ações e caminhar com segurança nesta vida.

[15] É certo que, enquanto me limitava a considerar os costumes dos outros homens, pouco encontrava que me satisfizesse, pois advertia neles quase tanta diversidade como a que notara anteriormente entre as opiniões dos filósofos. De modo que o maior proveito que daí tirei foi que, vendo uma porção de coisas que, embora nos pareçam muito extravagantes e ridículas, não deixam de ser comumente acolhidas e aprovadas por outros grandes povos, aprendi a não crer demasiado firmemente em nada do que me fora inculcado só pelo exemplo e pelo costume; e, assim, pouco a pouco, livre-me de muitos erros que podem ofuscar a nossa luz natural e nos tornar menos capazes de ouvir a razão. |  
<sup>48</sup> Mas, depois que empreguei alguns anos em estudar assim no livro do mundo, e em procurar adquirir alguma experiência, tomei um dia a resolução de estudar também a mim próprio e de empregar todas as forças de meu espírito na escolha dos caminhos que devia seguir<sup>15</sup>. O que me deu muito mais resultado, parece-me, do que se jamais tivesse me afastado de meu país e de meus livros.

## [<sup>34</sup> SEGUNDA PARTE

[1] Achava-me, então, na Alemanha, para onde fora atraído pela ocorrência das guerras, que ainda não findaram, e, quando retornava da coroação do imperador<sup>16</sup> para o exército, o início do inverno me deteve num quartel, onde, não encontrando nenhuma freqüentação que me distraísse, e não tendo, além disso, por felicidade, quaisquer solitudes ou paixões que me perturbassem, permanecia o dia inteiro fechado sozinho num quarto bem aquecido onde dispunha de todo o vagar para me entreter com os meus pensamentos. Entre eles, um dos primeiros foi que me lembrei de considerar que, amiúde,

---

14. Notar bem que toda essa passagem constitui a mais brutal e desdenhosa condenação da Filosofia como disciplina e como profissão, tal como a concebemos ainda atualmente

15. Após a “experiência” do mundo e a observação dos costumes, a fundação da ciência. Na realidade, os cortes não foram inopinados. Os anos de que nos fala Descartes não foram anos de preguiça intelectual (cf. G. Milhaud, *Descartes Savant*, “Les premiers essais scientifiques de Descartes”).

16. As festas da coroação celebraram-se de julho a setembro de 1619. O episódio da *poêle* é, em geral, situado nos primeiros dias de novembro de 1619.

não há tanta perfeição nas obras compostas de várias peças, e feitas pela mão de diversos mestres, como naquelas em que um só trabalhou. Assim, vê-se que os edifícios empreendidos e concluídos por um só arquiteto costumam ser mais belos e melhor ordenados do que aqueles que muitos procuraram reformar, fazendo uso de velhas paredes construídas para outros fins. Assim, essas antigas cidades que, tendo sido no começo pequenos burgos, tornaram-se no decorrer do tempo grandes centros, são ordinariamente tão mal compassadas, em comparação com essas praças regulares, traçadas por um engenheiro à sua fantasia numa planície, que, embora considerando seus edifícios cada qual à parte, se encontre neles muitas vezes tanta ou mais arte que nos das outras, todavia, a ver como se acham arranjados, aqui <sup>49</sup> um grande, ali um pequeno, e como tornam as ruas curvas e desiguais, dir-se-ia que foi mais o acaso do que a vontade de alguns homens usando da razão que assim os dispôs. E se se considerar que, apesar de tudo, sempre houve funcionários com o encargo de fiscalizar as construções dos particulares para torná-las úteis ao ornamento do público, reconhecer-se-á realmente que é penoso, trabalhando apenas nas obras de outrem, fazer coisas muito acabadas. Assim, imaginei que os povos, que, tendo sido outrora semi-selvagens e só pouco a pouco se tendo civilizado, não elaboraram suas leis senão à medida que a incomodidade dos crimes e das querelas a tanto os compeliu, não poderiam ser tão bem policiados<sup>17</sup> como aqueles que, a começar do momento em que se reuniram observaram as constituições de algum prudente legislador. Tal como é bem certo que o estado da verdadeira religião, cujas ordenanças só Deus fez, deve ser incomparavelmente melhor regulamentado do que todos os outros. E, para falar das coisas humanas, creio que, se Esparta foi outrora muito florescente, não o deveu à bondade de cada uma de suas leis em particular, visto que muitas eram bastante alheias e mesmo contrárias aos bons costumes, mas ao fato de que, havendo sido inventadas apenas por um só, tendiam todas ao mesmo fim. E assim pensei que as ciências dos livros, ao menos aquelas cujas razões são apenas prováveis e que não apresentam quaisquer demonstrações, pois se compuseram e avolumaram pouco a pouco com opiniões <sup>35</sup> de mui diversas pessoas, não se acham, de modo algum, tão próximas da verdade quanto os simples raciocínios que um homem de bom senso pode fazer naturalmente com respeito às coisas que se lhe apresentam. E assim ainda, pensei que, como todos nós fomos crianças antes de sermos homens, e como nos foi preciso por muito tempo sermos governados por nossos apetites e nossos preceptores, que eram amiúde contrários uns aos outros, e que, nem uns nem outros, nem sempre, talvez nos aconselhassem o melhor, é quase impossível

---

17.\* *Policiados*: de “policiar” (*policer*), no sentido de amenizar os costumes pela civilização [(N. do T.)].

que nossos juízos sejam tão puros ou tão sólidos como seriam, se tivéssemos o uso inteiro de nossa razão desde o nascimento e se não tivéssemos sido guiados senão por ela<sup>18</sup>.

[50] [2] É certo que não vemos em parte alguma lançarem-se por terra todas as casas de uma cidade, com o exclusivo propósito de refazê-las de outra maneira, e de tornar assim suas ruas mais belas; mas vê-se na realidade que muitos derrubam as suas para reconstruí-las, sendo mesmo algumas vezes obrigados a fazê-lo, quando elas correm o perigo de cair por si próprias, por seus alicerces não se estarem muito firmes. A exemplo disso, persuadi-me de que verdadeiramente não seria razoável que um particular intentasse reformar um Estado, mudando-o em tudo desde os fundamentos e derrubando-o para reerguê-lo; nem tampouco reformar o corpo das ciências ou a ordem estabelecida nas escolas para ensiná-las; mas que, no tocante a todas as opiniões que até então acolhera em meu crédito, o melhor a fazer seria dispor-me, de uma vez para sempre, a retirar-lhes essa confiança, a fim de substituí-las em seguida ou por outras melhores, ou então pelas mesmas, após tê-las ajustado ao nível da razão. E acreditei firmemente que, por este meio, lograria conduzir minha vida muito melhor do que se a edificasse apenas sobre velhos fundamentos, e me apoiasse tão-somente sobre princípios de que me deixara persuadir em minha juventude, sem ter jamais examinado se eram verdadeiros. Pois, embora notasse nesta tarefa diversas dificuldades, não eram todavia irremediáveis, nem comparáveis às que se encontram na reforma das menores coisas atinentes ao público. Esses grandes corpos são demasiado difíceis de reerguer quando abatidos, ou mesmo de sustentar quando abalados, e suas quedas não podem deixar de ser muito rudes. Pois, quanto às suas imperfeições, se as têm, como a mera diversidade existente entre eles basta para assegurar que as têm numerosas, o uso sem dúvida as suavizou, e mesmo evitou e corrigiu insensivelmente um grande número às quais não se poderia tão bem remediar por prudência. E, enfim, são quase sempre mais suportáveis do que o seria a sua mudança; da mesma forma que os grandes caminhos, que volteiam entre montanhas, se tornam pouco a pouco tão batidos e tão cômodos, à força de serem freqüentados, que é bem melhor segui-los do que tentar ir mais reto, escalando por cima dos rochedos e descendo até o fundo dos precipícios.

[3] Eis por que não poderia de forma alguma aprovar esses temperamentos perturbadores e inquietos que, não sendo cha- [51] mados, nem pelo nascimento, nem pela fortuna, ao manejo dos negócios públicos, não deixam de neles praticar sempre, em idéia, alguma nova reforma. E se eu pensasse haver neste escrito a menor coisa que [36] pudesse

---

18. Desprezo pela erudição livresca, oposição da razão à história, da evidência conquistada por nós mesmos ao “preconceito” herdado da tradição; estes *leitmotiv* cartesianos em parte alguma se acham melhor concentrados.

tornar-me suspeito de tal loucura, ficaria muito pesaroso de ter aceito publicá-lo. Nunca o meu intento foi além de procurar reformar meus próprios pensamentos, e construir num terreno que é todo meu. De maneira que, se, tendo minha obra me agradado bastante, eu vos mostro aqui o seu modelo, nem por isso quero aconselhar alguém a imitá-lo. Aqueles a quem Deus melhor partilhou suas graças alimentarão talvez desígnios mais elevados; mas temo bastante que já este seja ousado demais para muitos. A simples resolução de se desfazer de todas as opiniões a que se deu antes crédito não é um exemplo que cada qual deva seguir; e o mundo compõe-se quase tão-somente de duas espécies de espíritos, aos quais ele não convém de modo algum. A saber, daqueles que, crendo-se mais hábeis do que são, não podem impedir-se de precipitar seus juízos, nem ter suficiente paciência para conduzir por ordem todos os seus pensamentos: daí resulta que, se houvessem tomado uma vez a liberdade de duvidar dos princípios que aceitaram e de se apartar do caminho comum, nunca poderiam ater-se à senda que é preciso tomar para ir mais direito, e permaneceriam extraviados durante toda a vida; depois, daqueles que, tendo bastante razão, ou modéstia, para julgar que são menos capazes de distinguir o verdadeiro do falso do que alguns outros, pelos quais podem ser instruídos, devem antes contentar-se em seguir as opiniões desses outros, do que procurar por si próprios outras melhores.

[4] E, quanto a mim, estaria sem dúvida no número destes últimos, se eu tivesse tido um único mestre, ou se nada soubesse das diferenças havidas em todos os tempos entre as opiniões dos mais doutos. Mas, tendo aprendido, desde o Colégio, que nada se poderia imaginar tão estranho e tão pouco crível que algum dos filósofos já não houvesse dito; e depois, ao viajar, tendo reconhecido que todos os que possuem sentimentos muito contrários aos nossos nem por isso são bárbaros ou selvagens, mas que muitos usam, tanto ou mais do que nós, a razão; e, tendo considerado o quanto um mesmo homem, com o seu mesmo espírito, sendo criado desde a infância entre franceses ou alemães, torna-se diferente do que seria se vivesse sempre entre chineses ou canibais; e como, até nas modas de nossos trajes, a mesma coisa que nos agradou há <sup>52</sup> dez anos, e que talvez nos agrade ainda antes de decorridos outros dez, nos parece agora extravagante e ridícula, de sorte que são bem mais o costume e o exemplo que nos persuadem do que qualquer conhecimento certo e que, não obstante, a pluralidade das vozes não é prova que valha algo para as verdades um pouco difíceis de descobrir, por ser bem mais verossímil que um só homem as tenha encontrado do que todo um povo: eu não podia escolher ninguém cujas opiniões me parecessem dever ser preferidas às de outrem, e achava-me como compelido a tentar eu próprio conduzir-me.

[5] Mas, como um homem que caminha só e nas trevas, resolvi ir tão lentamente, e usar de tanta circunspeção em todas as coisas, que, mesmo se avançasse muito pouco, evitaria pelo menos cair. Não quis de modo algum começar rejeitando inteiramente qualquer das opiniões que porventura se insinuaram outrora em minha confiança, sem que aí fossem introduzidas pela razão, antes de despender bastante tempo em elaborar o projeto da obra que ia empreender, e em procurar o verdadeiro método para chegar ao <sup>[37]</sup> conhecimento de todas as coisas de que meu espírito fosse capaz<sup>19</sup>.

[6] Eu estudara um pouco, sendo mais jovem, entre as partes da Filosofia, a Lógica, e, entre as Matemáticas, a Análise dos geômetras<sup>20</sup> e a Álgebra, três artes ou ciências que pareciam dever contribuir com algo para o meu desígnio. Mas, examinando-as, notei que, quanto à Lógica, os seus silogismos e a maior parte de seus outros preceitos servem mais para explicar a outrem as coisas já se sabem, ou mesmo, como a arte de Lúlio, para falar, sem julgamento, daquelas que se ignoram, do que para aprendê-las. E embora ela contenha, com efeito, uma porção de preceitos muito verdadeiros e muito bons, há todavia tantos outros misturados de permeio que são ou nocivos, <sup>[53]</sup> ou supérfluos, que é quase tão difícil separá-los quanto tirar uma Diana ou uma Minerva de um bloco de mármore que nem sequer está esboçado. Depois, com respeito à Análise dos Antigos e à Álgebra dos modernos, além de se estenderem apenas a matérias muito abstratas, e de não parecerem de nenhum uso, a primeira permanece sempre tão adstrita à consideração das figuras que não pode exercitar o entendimento sem fatigar muito a imaginação; e esteve-se de tal forma sujeito, na segunda, a certas regras e certas cifras, que se fez dela uma arte confusa e obscura que embaraça o espírito, em lugar de uma ciência que o cultiva. Por esta causa, pensei ser mister procurar algum outro método que, compreendendo as vantagens desses três, fosse isento de seus defeitos. E, como a multidão de leis fornece amiúde escusas aos vícios, de modo que um Estado é bem melhor dirigido quando, tendo embora muito poucas, são estritamente cumpridas; assim, em vez desse grande número de preceitos de que se compõe a Lógica, julguei que me bastariam os quatro seguintes<sup>21</sup>, desde que

---

19. Houve, portanto, um intervalo entre as reflexões de novembro de 1619 e a elaboração do método. Aliás, este não resulta daquelas, porém bem mais dos trabalhos matemáticos em curso (construção, por meio de uma parábola, de todos os problemas dos sólidos do terceiro e quarto graus).

20. A Análise designa aqui o método que consiste em supor conhecida a linha desconhecida, em estabelecer as relações que a ligam a grandezas conhecidas, até que se possa construí-la a partir destas relações. Entre os Antigos, esse método (válido para outros domínios, além da Geometria) se apresenta sob a forma geométrica.

21. Leibniz foi o primeiro a zombar da banalidade deste método. E é verdade que o Método está contido mais nas *Regulae* do que nessa apresentação esotérica. Não obstante, a leitura da *Geometria* — o único dos três ensaios que, segundo o Autor, prova a validade do método — mostra o quanto esta banalidade é aparente. Separadas desta referência, compreendidas como preceitos gerais, as regras seriam, na verdade, pouco proveitosas: é o que se esquece com demasiada freqüência.

tomasse a firme e constante resolução de não deixar uma só vez de observá-los.

[7] O primeiro era o de jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção<sup>22</sup>, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente<sup>23</sup> a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida.

<sup>[54]</sup> [8] O segundo, o de dividir cada uma <sup>[38]</sup> das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las<sup>24</sup>.

[9] O terceiro, o de conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros<sup>25</sup>.

<sup>[55]</sup> [10] E o último, o de fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir<sup>26</sup>.

---

22. A “precipitação” consiste em julgar antes de ter chegado à evidência, e a “prevenção”, na persistência dos “prejuízos de infância”.

23. Cf. *Princípios*, I, 45: “Denomino claro o que é presente e manifesto a um espírito atento ... e distinto o que é de tal modo que compreende em si apenas o que parece manifestamente a quem o considere como se deve”.

24. As palavras “dificuldade” (que significa: problema matemático) e “resolver” devem remeter-nos à *Geometria*, nomeadamente à primeira parte do Livro III, onde se trata da resolução de equações mediante dois métodos: quer realizando o produto de binômios compostos da incógnita menos cada uma das raízes; quer, “quando não se encontra nenhum binômio que possa assim dividir a soma toda da equação proposta”, considerando a equação como o produto de dois polinômios (método das indeterminadas). Supor-se-á, por exemplo, que a equação do quarto grau é fruto da multiplicação de duas equações arbitrárias do segundo grau. Não é, pois, questão somente de “dividir”, mas também de decompor até os elementos mais simples cuja combinação engendrará solução.

25. Constituição de uma série em que cada termo ficará colocado antes dos que dele dependem e depois daqueles de que ele depende. A geometria, na sua classificação das curvas, ilustra a importância da ordem assim concebida: “as linhas mais compostas” serão nela recebidas tanto como as mais simples, “contanto que possamos imaginá-las descritas por um movimento contínuo ou por vários que se seguem e dos quais os últimos sejam inteiramente regrados pelos que os precedem; pois, mediante isso, podemos sempre ter um conhecimento exato de sua medida” (A.T. VI, 389). A ordem é o garante da homogeneidade de um domínio e da possibilidade de determinar com certeza os seres que ele inclui ou exclui. Isto será válido tanto em Metafísica como em Geometria.

26. Pode parecer que esta regra repita a segunda, visto que a divisão em “parcelas” é a mesma coisa que a enumeração das variáveis. Vuillemin, que evoca esta dificuldade em seu livro *Mathématiques et Métaphysique chez Descartes* (pág. 137), pensa que tal regra é antes ilustrada pela enumeração de todos os casos possíveis para a solução de uma equação, o que possibilita a escolha de uma solução mais geral. “Preceito reflexivo e regulador que versa sobre os métodos e não sobre os problemas”.

[11] Essas longas cadeias de razões<sup>27</sup>, todas simples e fáceis<sup>28</sup>, de que os geômetras costumam servir-se para chegar às suas mais difíceis demonstrações, haviam-me dado ocasião de imaginar que todas as coisas possíveis de cair sob o conhecimento dos homens seguem-se umas às outras da mesma maneira e que, contanto que nos abstenhamos somente de aceitar por verdadeira qualquer que não o seja, e que guardemos sempre a ordem necessária <sup>139</sup> para deduzi-las umas das outras, não pode haver quaisquer tão afastadas a que não se chegue por fim, nem tão ocultas que não se descubram. E não me foi muito penoso procurar por quais devia começar, pois já sabia que haveria de ser pelas mais simples e pelas mais fáceis de conhecer; e, considerando que, entre todos os que precedentemente buscaram a verdade nas ciências, só os matemáticos puderam encontrar algumas demonstrações, isto é, algumas razões certas e evidentes, não duvidei de modo algum que não fosse pelas mesmas que eles examinaram<sup>29</sup>; embora não esperasse <sup>156</sup> disso nenhuma outra utilidade, exceto a de que acostuariam o meu espírito a se alimentar de verdades e a não se contentar com falsas razões. Mas não foi meu intuito, para tanto, procurar aprender todas essas ciências particulares que se chamam comumente matemáticas<sup>30</sup>; e, vendo que, embora seus objetos sejam diferentes, não deixam de concordar todas, pelo fato de não conferirem nesses objetos senão as diversas relações ou proporções que neles se encontram, pensei que valia mais examinar somente estas proporções em geral<sup>31</sup>, e supondo-as apenas nos suportes que servissem para me tornar o

---

27. Por “razões”, deve-se entender “proporções”. Como mostra Vuillemin, no capítulo IV de sua obra, a ciência cartesiana é uma teoria das proporções: multiplicação, divisão e extração de raiz são três meios de construção de uma quarta proporcional — o grau de uma equação é definido pelo número de proporções requeridas entre as quantidades, seu gênero pelo número mínimo dessas proporções — em geral, uma proporção contínua é o modelo da ordem. Uma série como

$$3/6 = 6/12 = 12/24$$

mostra-nos “de que maneira estão envolvidas todas as questões referentes às proporções ou razões das coisas e em que ordem devem ser procuradas: o que por si só constitui o essencial de toda ciência da matemática pura” (*Reg.*, VI, A.T. X, pág. 385).

28. Vuillemin observa que “simples” e “fácil” não são sinônimos. “É fácil o que é simples segundo nós e, por assim dizer, do ponto de vista psicológico. É simples o que é primeiro pela ordem das coisas” (*Op. cit.*, pág. 118). O raciocínio mais fácil (pedagógica e sinteticamente) nem sempre é o mais simples (segundo a ordem e analiticamente).

29. Acrescente-se para a claridade do texto: “que era preciso começar”. — Cf. *Col. com Burman*: “A Matemática acostuma o espírito a reconhecer a verdade, porque sempre encontramos nela raciocínios rigorosos que não encontraríamos alhures. Em conseqüência, uma vez afeito o espírito aos raciocínios matemáticos, tê-lo-emos tornado também próprio à pesquisa de outras verdades, posto que em toda parte há somente uma e mesma forma de raciocinar” (A.T. VI, 550-51).

30. Alusão à divisão escolástica das Matemáticas: Matemáticas Puras (Geometria, Aritmética) e Mistas (Astronomia, Música, Óptica). O que interessa a Descartes é o denominador comum dessas ciências (a ordem e a medida), ao passo que os Escolásticos desejavam separá-las com respeito a seus objetos. Particularização que impedia de distinguir, como faz Descartes, esta “Matemática comum”, que requer apenas memória, e a “ciência matemática, que não é bebida nos livros”.

31. Trata-se, portanto, da *mathesis universalis*, “ciência inteiramente nova pela qual poderão ser resolvidos todos os problemas relativos a qual gênero de quantidade, contínua ou discreta” (A.T. X, 156) e primeiro fruto do método. Na verdade, o método foi concebido com vistas a ela. Sobre esta interpenetração

seu conhecimento mais fácil; mesmo assim, sem restringi-las de forma nenhuma a tais suportes, a fim de poder aplicá-las tão melhor, em seguida, a todos os outros objetos a que conviessem. Depois, tendo notado que, para conhecê-las, teria algumas vezes necessidade de considerá-las cada qual em particular, e outras vezes somente de reter, ou de compreender, várias em conjunto, pensei que, para melhor considerá-las em particular, deveria supô-las em linhas<sup>32</sup>, porquanto não encontraria nada mais simples, nem <sup>57</sup> que pudesse representar mais distintamente à minha imaginação e aos meus sentidos<sup>33</sup>; mas que, para <sup>40</sup> reter, ou compreender, várias em conjunto, cumpria que eu as designasse por alguns signos, os mais breves possíveis<sup>34</sup>, e que, por esse meio, tomaria de empréstimo o melhor da Análise geométrica e da Álgebra, e corrigiria todos os defeitos de uma pela outra.

[12] E como, efetivamente, ousou dizer que a exata observação desses poucos preceitos que eu escolhera me deu tal facilidade de deslindar todas as questões às quais se estendem essas duas ciências que, nos dois ou três meses que empreguei em examiná-las, tendo começado pelas mais simples e mais gerais, e constituindo cada verdade que eu achava uma regra que me servia em seguida para achar outras, não só consegui resolver muitas que julgava antes muito difíceis<sup>35</sup>, como me pareceu também, perto do fim, que podia determinar, até mesmo naquelas que ignorava, por quais meios e até onde seria possível resolvê-las<sup>36</sup>. No que não vos parecerei talvez muito vaidoso, se <sup>58</sup> considerardes

---

da *mathesis* e do método, cf. *Regulae*, quarta regra. Não se trata aqui, de modo algum, da geometria “analítica”, como às vezes se pretende falsamente.

32. “Lineis rectis”, diz o texto latino. A linha reta é escolhida como figuração universal da grandeza porque ela é o suporte mais flexível para a teoria das proporções (pode representar um produto, um quociente, uma raiz, bem como a soma ou uma diferença), mas também porque permite evitar o incomensurável. O fato de as letras algébricas representarem linhas e não números (e, em geral, a desconfiança de Descartes para com a aritmética) atesta o que Belaval denomina, em *Leibniz critique de Descartes*, a “limitação da Álgebra pela Geometria”. Descartes libertou-se do realismo intuitivo dos gregos (por exemplo, colocando que o resultado de todo cálculo sobre quantidades figuradas por grandezas retilíneas corresponde, por sua vez, a uma grandeza retilínea), mas foi só pela metade.

33. Indispensável ao entendimento em Matemática, a imaginação (a consideração das figuras) não é, entretanto, senão uma auxiliar. Cf. *Regulae*, regra catorze.

34. A simplificação da Álgebra consiste em designar todas as grandezas por letras do alfabeto, em representar as potências pelas cifras escritas em expoentes (salvo para  $x^2$  que Descartes ainda escreve  $xx$ ) e o equacionamento pela igualdade a zero.

35. Segundo G. Milhaud (*Descartes Savant*), alusão à solução dos problemas dos sólidos do terceiro e quarto grau por meio da interseção de um círculo e de uma parábola. Milhaud mostra, a este propósito, o quanto Descartes, em 1620, é ainda o continuado da geometria grega. Para resolver o que nós formulamos pela equação:  $x^3 = a^2 b$ , Arquimedes introduzia uma segunda variável,  $y$ , tal que:  $x^2 = ay$ , o que significa procurar das médias proporcionais entre  $a$  e  $b$ . Para solucionar este problema, servia-se de duas parábolas definidas por duas razões das ordenadas com as abscissas. É este método que Descartes sistematiza para as equações do terceiro e do quarto grau, ponto de partida do que será denominado mais tarde “Geometria Analítica”. Descartes não toma, pois, aos gregos o método analítico como procedimento lógico, mas antes o próprio conteúdo desta análise, e seu gênio consiste mais em explorar os recursos de um processo já utilizado do que em “descobrir” este processo. Tanto é que Descartes nunca se vangloriou da Geometria Analítica.

36. Exemplo dessa determinação dos “limites”: a classificação dos problemas do livro II da *Geometria*,

que, havendo somente uma verdade de cada coisa, todo aquele que a encontrar sabe a seu respeito tanto quanto se pode saber; e que, por exemplo, uma criança instruída na aritmética, que haja realizado uma adição segundo as regras, pode estar certa de ter achado, quanto à soma que examinava, tudo o que o espírito humano poderia achar. Pois, enfim, o método que ensina a seguir a verdadeira ordem e a enumerar exatamente todas as circunstâncias daquilo que se procura contém tudo quanto dá certeza às regras da aritmética.

[13] Mas, o que me contentava mais nesse método era o fato de que, por ele, estava seguro de usar em tudo minha razão, se não perfeitamente, ao menos o melhor que eu pudesse; além disso, sentia, ao praticá-lo, que meu espírito se acostumava pouco a pouco a conceber mais nítida e distintamente seus objetos, e que, não o tendo submetido a qualquer matéria particular, prometia a mim mesmo aplicá-lo tão utilmente às dificuldades das outras ciências como o fizera com as da Álgebra. Não que, para tanto, ousasse empreender primeiramente o exame de todas as <sup>[41]</sup> que se me apresentassem, pois isso mesmo seria contrário à ordem que ele prescreve. Porém, tendo notado que os seus princípios deviam ser todos tomados à Filosofia, na qual não encontrava ainda quaisquer que fossem certos, pensei que seria mister, antes de tudo, procurar ali estabelecê-los; e que, sendo isso a coisa mais importante do mundo, e onde a precipitação e a prevenção eram mais de recear, não devia empreender sua realização antes de atingir uma idade bem mais madura do que a dos vinte e três anos que eu então contava e antes de ter despendido muito tempo em preparar-me para isso, tanto desenraizando de meu espírito todas as más opiniões que nele acolhera até essa época como acumulando muitas experiências, para servirem em seguida de matéria aos meus raciocínios, e exercitando-me sempre no método que me prescrevera, a fim de me firmar nele cada vez mais.

### <sup>[59]</sup> TERCEIRA PARTE

[1] E enfim, como não basta, antes de começar a reconstruir a casa onde se mora, derrubá-la, ou prover-se de materiais e arquitetos, ou adestrar-se a si mesmo na arquitetura,

---

onde são delimitados os problemas resolúveis com régua e compasso — com curvas mais complicadas, mas que é possível construir de maneira exata e por um movimento contínuo —, enfim os problemas para os quais as curvas só podem ser construídas por pontos discretos (as “transcendentes”), como a espiral ou quadratriz, que “não pertencem de modo algum ao número das que penso que devem ser aqui recebidas ... porque as imaginamos descritas por dois movimentos separados e que não têm entre si nenhuma relação que se possa medir exatamente” (A.T. VI, 390).

nem, além disso, ter traçado cuidadosamente o seu projeto; mas cumpre também ter-se provido de outra qualquer onde a gente possa alojar-se comodamente durante o tempo em que nela se trabalha; assim, para não permanecer irresoluto<sup>37</sup> em minhas ações, enquanto a razão me obrigasse a sê-lo, em meus juízos, e de não deixar de viver desde então de o mais felizmente possível, formei para mim mesmo uma moral provisória, que consistia apenas em três ou quatro máximas que eu quero vos participar<sup>38</sup>.

[2] A primeira era obedecer às leis e aos costumes de meu país, retendo constantemente a religião em que Deus me concedeu a graça de ser instruído desde a infância, e governando-me, em tudo o mais, segundo as opiniões mais moderadas e as mais distanciadas do excesso, que fossem comumente acolhidas em prática pelos mais sensatos daqueles com os quais teria de viver. Pois, começando desde então a não contar para nada com as minhas próprias opiniões, porque eu as queria submeter todas a exame, estava certo de que o melhor a fazer era seguir as dos mais sensatos. E, embora haja talvez, entre os persas e chineses, homens tão sensatos como entre nós, parecia-me que o mais útil seria pautar-me por aqueles entre os quais teria de viver; e que, para saber quais eram verdadeiramente as suas opiniões, devia tomar nota mais daquilo que praticavam do que daquilo que diziam; não só porque, na corrupção de nossos costumes, há poucas pessoas que queiram dizer tudo o que acreditam, mas também porque muitos o ignoram, por sua vez; pois, sendo a ação do pensamento, pela qual se crê uma coisa, diferente daquela pela qual se conhece que se <sup>42</sup> crê <sup>60</sup> nela, amiúde uma se apresenta sem a outra<sup>39</sup>. E, entre várias opiniões igualmente aceites, escolhia apenas as mais moderadas: tanto porque são sempre as mais cômodas para a prática, e verossimilmente<sup>40</sup> as melhores, pois todo excesso costuma ser mau, como também a fim de me desviar menos do verdadeiro caminho, caso eu falhasse, do que, tendo escolhido um dos extremos, fosse o outro o que deveria ter seguido. E, particularmente, colocava entre os excessos todas as promessas pelas quais se cerceia em algo a própria liberdade<sup>41</sup>. Não que desaprovasse as leis que, para remediar a

---

37. Sobre a irresolução como o pior dos males, cf. *Paixões*, art. 60, e *Cartas*, a Elisabeth, de 1º de setembro de 1645.

38. *Col. com Burman*, A.T. VI, 552: “O autor não gosta de escrever sobre a Moral, mas viu-se forçado, por causa dos pedantes e gente desta espécie, a adicionar estas regras; de outro modo, diriam dele que se trata de um homem sem religião, sem fé, e que, com o seu método, quer derrubar tudo isso”.

39. Existe uma diferença entre um juízo e o conhecimento deste juízo. Assim, “eu não duvido de modo algum que cada um tenha em si a idéia de Deus, pelo menos implícita ... não me surpreendo, no entanto, de ver homens que não sentem ter em si esta idéia, ou melhor, que dela não se apercebem absolutamente”. (*Cartas*, a Hyperaspistes, agosto de 1641).

40. A verossimilhança, excluída da ordem teórica, recobrará valor na ordem prática.

41. Não será rebaixar os votos religiosos, como pergunta Gilson, encará-los como simples remédio para a “inconstância dos espíritos fracos”? Notar-se-á aqui o desprezo de Descartes para com “o engajamento” sob todas as suas formas.

inconstância dos espíritos fracos, permitem, quando se alimenta algum bom propósito, ou mesmo, para a segurança do comércio, algum desígnio que seja apenas indiferente, que se façam votos ou contratos que obriguem a perseverar nele; mas porque não via no mundo nada que permanecesse sempre no mesmo estado, e porque, no meu caso particular, como prometia a mim mesmo aperfeiçoar cada vez mais os meus juízos, e de modo algum torná-los piores, pensaria cometer grande falta contra o bom senso, se, pelo fato de ter aprovado então alguma coisa, me sentisse na obrigação de tomá-la como boa ainda depois, quando deixasse talvez de sê-lo, ou quando eu cessasse de considerá-la tal.

[3] Minha segunda máxima consistia em ser o mais firme e o mais resoluto possível em minhas ações, e em não seguir menos constantemente do que se fossem muito seguras as opiniões mais duvidosas, sempre que eu me tivesse decidido a tanto<sup>42</sup>. <sup>[61]</sup> Imitando nisso os viajantes que, vendo-se extraviados nalguma floresta, não devem errar volteando, ora para um lado, ora para outro, nem menos ainda deter-se num sítio, mas caminhar sempre o mais reto possível para um mesmo lado, e não mudá-lo por fracas razões, ainda que no começo só o acaso talvez haja determinado a sua escolha: pois, por este meio, se não vão exatamente aonde desejam, ao menos chegarão no fim a alguma parte, onde verossimilmente estarão melhor do que no meio de uma floresta. E, assim como as ações da vida não suportam às vezes qualquer delonga, é uma verdade muito certa que, quando não está em nosso poder o discernir as opiniões mais verdadeiras, devemos seguir as mais prováveis; e mesmo, ainda que não notemos em umas mais probabilidades do que em outras, devemos, não obstante, decidir-nos por algumas e considerá-las depois não mais como duvidosas, na medida em que se relacionam com a prática, mas como muito verdadeiras e muito certas, porquanto a razão que a isso nos decidiu <sup>[43]</sup> se apresenta como tal<sup>43</sup>. E isto me permitiu, desde então, libertar-me de todos os arrependimentos e remorsos que costumam agitar as consciências desses espíritos fracos e vacilantes que se deixam levar inconstantemente a praticar, como boas, as coisas que depois julgam más.

[4] Minha terceira máxima era a de procurar sempre antes vencer a mim próprio do que à fortuna, e de antes modificar os meus desejos do que a ordem do mundo; e, em geral, a de acostumar-me a crer que nada há que esteja inteiramente em nosso poder, exceto os

---

42. A fim de evitar um mal-entendido, Descartes formulará esta regra de maneira mais precisa: “... Não agir menos constantemente segundo as opiniões que julgamos duvidosas ... quando consideramos não haver outras que soubéssemos que aquelas são as *melhores*” (A XXX, março de 1638). Não se trata, portanto, de um voluntarismo cego, “além do que relaciono principalmente esta regra às ações da vida que não sofrem qualquer delonga e me sirvo dela apenas provisoriamente”.

43. Tudo se passa como se essas opiniões fossem muito verdadeiras e, *para nós*, elas o são efetivamente, visto que não pudemos encontrar outras melhores.

nossos pensamentos, de sorte que, depois de termos feito o melhor possível no tocante às coisas que nos são exteriores, tudo em que deixamos de nos sair bem é, em relação a nós, absolutamente impossível. E só isso me parecia suficiente para impedir-me, no futuro, de desejar algo que eu não pudesse adquirir, e, assim, para me tornar contente. Pois, inclinando-se a nossa vontade naturalmente a desejar só aquelas coisas que nosso entendimento lhe representa de alguma forma como possíveis, é certo que, se considerarmos todos os bens que se acham fora de nós como igualmente afastados de nosso <sup>62</sup> poder, não lamentaremos mais a falta daqueles que parecem dever-se ao nosso nascimento, quando deles formos privados sem culpa nossa, do que lamentamos não possuir os reinos da China ou do México; e que fazendo, como se diz, da necessidade virtude, não desejaremos mais estar sãos, estando doentes, ou estar livres, estando na prisão, do que desejamos ter agora corpos de uma matéria tão pouco corruptível quanto os diamantes, ou asas para voar como as aves. Mas confesso que é preciso um longo exercício e uma meditação amiúde reiterada para nos acostumarmos a olhar por este ângulo todas as coisas; e creio que é principalmente nisso que consistia o segredo desses filósofos<sup>44</sup>, que puderam outrora subtrair-se ao império da fortuna e, malgrado as dores e a pobreza, disputar felicidade aos seus deuses. Pois, ocupando-se incessantemente em considerar os limites que lhes eram prescritos pela natureza, persuadiram-se tão perfeitamente de que nada estava em seu poder além dos seus pensamentos, que só isso bastava para impedi-los de sentir qualquer afecção por outras coisas; e dispunham deles tão absolutamente, que tinham neste caso especial certa razão de se julgarem mais ricos, mais poderosos, mais livres e mais felizes que quaisquer outros homens, os quais, não tendo esta filosofia, por mais favorecidos que sejam pela natureza e pela fortuna, jamais dispõem assim de tudo quanto querem<sup>45</sup>.

[5] Enfim, para a conclusão dessa moral, decidi passar em revista as diversas ocupações que os homens exercem nesta vida, para procurar escolher a melhor; e, sem que pretenda dizer nada sobre as dos outros, pensei que o melhor a fazer seria continuar naquela mesma em que me achava, isto é, empregar toda a minha vida em cultivar minha razão, e adiantar-me, o mais que pudesse, no conhecimento da verdade, segundo o método que me prescrevera. Eu sentira tão extremo contentamento, desde quando começara a servir-me deste método, que não acreditava que, nesta vida, se pudessem receber outros mais doces, nem <sup>44</sup> mais inocentes; e, descobrindo todos os dias, por seu meio, algumas

44.\* *Filósofos*: estóicos (N. do T.).

45. A respeito do acento estóico da passagem e do destino desta regra na moral definitiva, cf. *Cartas*, a Elisabeth.

verdades que me pareciam assaz importantes e comumente ignoradas pelos outros homens, a satisfação que <sup>63</sup> isso me dava enchia de tal modo meu espírito, que tudo o mais não me tocava. Além do que, as três máximas precedentes não se baseavam senão no meu intuito de continuar a me instruir: pois, tendo Deus concedido a cada um de nós alguma luz para discernir o verdadeiro do falso, não julgaria dever contentar-me, um só momento, com as opiniões de outrem, se não me propusesse empregar o meu próprio juízo em examiná-las, quando fosse tempo<sup>46</sup>; e não saberia isentar-me de escrúpulos, ao segui-las, se não esperasse não perder com isso ocasião alguma de encontrar outras melhores, caso as houvesse. E, enfim, não saberia limitar os meus desejos, nem estar contente, se não tivesse trilhado um caminho pelo qual, pensando estar seguro da aquisição de todos os conhecimentos de que fosse capaz, julgava estar seguro da aquisição de todos os verdadeiros bens que alguma vez viessem a estar em meu alcance; tanto mais que, não se inclinando a nossa vontade a seguir ou fugir a qualquer coisa, senão conforme o nosso entendimento lha represente como boa ou má, basta bem julgar, para bem proceder, e julgar o melhor possível para proceder também da melhor maneira<sup>47</sup>, isto é, para adquirir todas as virtudes e, conjuntamente, todos os outros bens que se possam adquirir; e, quando se está certo de que é assim, não se pode deixar de ficar contente.

[6] Depois de me ter assim assegurado destas máximas, e de as ter posto à parte, com as verdades da fé, que sempre foram as primeiras na minha crença, julguei que, quanto a todo o restante de minhas opiniões, podia livremente tentar desfazer-me delas. E, como esperava chegar melhor ao cabo dessa tarefa conversando com os homens, do que continuando por mais tempo encerrado no quarto aquecido onde me haviam ocorrido esses pensamentos, recomecei a viajar quando o inverno ainda não acabara. E, em todos os nove anos seguintes, não fiz outra coisa senão rolar pelo mundo, daqui para ali, procurando ser mais espectador do que ator em todas <sup>64</sup> as comédias que nele se representam<sup>48</sup>; e, efetuando particular reflexão, em cada matéria, sobre o que podia torná-la suspeita e dar ocasião de nos equivocarmos, desenraizava, entrementes, do meu espírito todos os erros que até então nele se houvessem insinuado. Não que imitasse, para tanto, os céticos, que duvidam apenas por duvidar e afetam ser sempre irresolutos: pois, ao contrário, todo o meu intuito tendia tão-somente a me certificar e remover a terra movediça e a areia, para

---

46. Isto é: elas só se justificam como condições provisórias da busca da verdade.

47. As duas fórmulas não são equivalentes. No primeiro caso, o entendimento esclarecido por idéias claras e distintas compele a vontade; no segundo, não estando assegurada a verdade do juízo, eu deveria envidar esforço para seguir sempre o que o entendimento me representa como melhor.

48. Acerca do tema do espectador, cf. *Cartas*, a Elisabeth, de 18 de maio de 1645. Poder-se-á compará-lo ao tema do ator nos Estóicos (Cf. Goldschmidt, *Système Stoicien*, págs. 150 e segs. e 178 e segs.).

encontrar a rocha ou a argila. O que consegui muito bem, parece-me, tanto mais que, procurando descobrir a falsidade ou a incerteza das proposições que examinava, não por fracas conjeturas, mas por raciocínios claros e seguros, não deparava quaisquer tão duvidosas que delas não tirasse sempre alguma conclusão bastante certa, quando mais <sup>45</sup> não fosse a de que não continha nada de certo. E, como ao demolir uma velha casa, reservam-se comumente os escombros para servir à construção de outra nova, assim, ao destruir todas as minhas opiniões que julgava mal fundadas, fazia diversas observações e adquiria muitas experiências, que me serviram depois para estabelecer outras mais certas. E, ademais, continuava a exercitar-me no método que me prescrevera; pois não só tomava o cuidado de conduzir geralmente todos os meus pensamentos segundo as suas regras, como reservava, de tempos em tempos, algumas horas, que empregava particularmente em aplicá-lo nas dificuldades de Matemática, ou mesmo também em algumas outras que eu podia tornar quase semelhantes às das Matemáticas, separando-as de todos os princípios das outras ciências, que eu não achava bastante firmes, como vereis que procedi com várias que são explicadas neste volume<sup>49</sup>. E assim, sem viver, aparentemente, de forma diferente daqueles que, não tendo <sup>65</sup> outro emprego senão passar uma vida doce e inocente, procuram separar os prazeres dos vícios, e que, para gozar de seus lazeres sem se aborrecer, usam todos os divertimentos que são honestos, não deixava de persistir em meu desígnio e de progredir no conhecimento da verdade, mais talvez do que se me limitasse a ler livros ou freqüentar homens de letras.

[7] Todavia, esses nove anos escoaram-se antes que eu tivesse tomado qualquer partido, com respeito às dificuldades que costumam ser disputadas entre os doutos, ou começado a procurar os fundamentos de alguma Filosofia mais certa do que a vulgar<sup>50</sup>. E o exemplo de muitos espíritos excelsos que, tendo alimentado precedentemente esse intento, não haviam logrado, parecia-me, realizá-lo, levava-me a imaginar tantas dificuldades, que não teria talvez ousado empreendê-lo tão cedo, se não soubesse de que alguns já faziam correr o rumor de que eu já o levava a termo. Não poderia dizer em que baseavam esta opinião; e, se para isso contribuí com algo em meus discursos, deve ter sido por confessar neles mais ingenuamente o que eu ignorava do que costumam fazer aqueles que estudaram um pouco, e talvez também por mostrar as razões que tinha de duvidar de muitas coisas

---

49. Deve referir-se aos problemas versados em *Os Meteoros* (explicação dos ventos, das nuvens, do arco-íris) e na *Dióptrica* (G. Milhaud, estabelece que Descartes formulou a lei da refração por volta de 1626). — Sobre a concepção cartesiana da Física Matemática, cf. *Cartas*, a Mersenne, de 17 de maio de 1638, 11 de março de 1640, bem como a de 27 de julho de 1638: “Pois se lhe apraz considerar o que escrevi do solo, da neve, do arco-íris etc. ... saberá efetivamente que toda a minha Física não é mais do que Geometria”.

50. A Filosofia escolástica.

que os outros consideram certas, do que por me jactar de qualquer doutrina. Mas, tendo o coração bastante altivo para não querer que me tomassem por alguém que eu não era, pensei que cumpria esforçar-me, por todos os meios, para tornar-me digno da reputação que me atribuíam; e faz justamente oito anos que esse desejo me decidiu a afastar-me de todos os lugares em que pudesse ter conhecimentos, e a retirar-me para aqui<sup>51</sup>, para um país onde a longa duração da guerra levou a estabelecer tais ordens, que os exércitos nele mantidos parecem servir apenas para que os frutos da paz sejam gozados com tanto mais segurança, e onde, dentre a multidão um grande povo muito ativo e mais zeloso de seus pró-<sup>46</sup> prios negócios, do que curioso dos assuntos dos de outrem, sem carecer de nenhuma das comodidades que existem nas cidades mais freqüentadas, pude viver tão solitário e retirado como nos desertos mais remotos.

#### <sup>66</sup> QUARTA PARTE

[1] Não sei se deva falar-vos das primeiras meditações que aí realizei; pois são tão metafísicas e tão pouco comuns, que não serão, talvez, do gosto de todo mundo. E, todavia, a fim de que se possa julgar se os fundamentos que escolhi são bastante firmes, vejo-me, de alguma forma, compelido a falar-vos delas. De há muito observara que, quanto aos costumes, é necessário às vezes seguir opiniões, que sabemos serem muito incertas, tal como se fossem indubitáveis, como já foi dito acima; mas, por desejar então ocupar-me somente com a pesquisa da verdade, pensei que era necessário agir exatamente ao contrário, e rejeitar como absolutamente falso tudo aquilo em que pudesse imaginar a menor dúvida<sup>52</sup>, a fim de ver se, após isso, não restaria algo em meu crédito, que fosse inteiramente indubitável. Assim, porque os nossos sentidos nos enganam às vezes, quis supor que não havia coisa alguma que fosse tal como eles nos fazem imaginar. E, porque há homens que se equivocam ao raciocinar, mesmo no tocante às mais simples matérias de Geometria, e cometem aí paralogismos, rejeitei como falsas, julgando que estava sujeito a falhar como qualquer outro, todas as razões que eu tomara até então por demonstrações. E enfim, considerando que todos os mesmos pensamentos que temos quando despertos nos podem também ocorrer quando dormimos, sem que haja nenhum, nesse caso, que seja verdadeiro, resolvi fazer de conta que todas as coisas que até então haviam entrado no meu

---

51. Início da estada na Holanda, no outono de 1628, que durará até a partida para a Suécia, em 1649.

52. Está, portanto, sujeito à dúvida não só aquilo de que eu duvido de fato, mas também aquilo de que poderia duvidar de direito.

espírito não eram mais verdadeiras que as ilusões de meus sonhos. Mas, logo em seguida, adverti que, enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava<sup>53</sup>, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade: *eu penso, logo existo*<sup>54</sup>, era tão firme e tão certa que <sup>67</sup> todas as mais extravagantes suposições dos cétricos não seriam capazes de a abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da Filosofia que procurava.

[2] Depois, examinado com atenção o que eu era, e vendo que podia supor que não tinha corpo algum e que não havia qualquer mundo, ou qualquer lugar onde eu existisse, mas que nem por isso podia supor que não existia; e que, ao contrário, pelo fato mesmo de eu pensar em duvidar da verdade das outras coisas, seguia-se mui evidente e mui certamente que eu existia; ao passo que, se apenas houvesse cessado de pensar, embora tudo o mais que alguma vez imaginara fosse verdadeiro, já não teria razão alguma de crer que <sup>47</sup> eu tivesse existido; compreendi por aí que eu era uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar, e que, para ser, não necessita de nenhum lugar, nem depende de qualquer coisa material. De sorte que esse eu, isto é, a alma<sup>55</sup>, pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e, mesmo, que é mais fácil de conhecer do que ele, e, ainda que este nada fosse, ela não deixaria de ser tudo o que é.

[3] Depois disso, considerei em geral o que é necessário a uma proposição para ser verdadeira e certa; pois, como acabava de encontrar uma que eu sabia ser exatamente assim, pensei que devia saber também em que consiste essa certeza<sup>56</sup>. E, tendo notado que nada há no *eu penso, logo existo*, que me assegure de que digo a verdade, exceto que vejo muito claramente que, para pensar, é preciso existir<sup>57</sup>, julguei poder tomar por regra geral <sup>68</sup> que as coisas que concebemos mui clara e mui distintamente são todas verdadeiras, havendo apenas alguma dificuldade em notar bem quais são as que concebemos

---

53. Cumpre notar que Descartes não diz: “duvido, logo sou”. A dúvida não importa como ato, mas como conhecimento do fato de que eu duvido.

54. O *Cogito* não é um raciocínio: é uma constatação de fato. Por que então se emprega aqui o termo “logo”? “Descartes dá ao *Cogito* o aspecto de um raciocínio toda vez que deseja pôr em relevo o caráter necessário da ligação que o mesmo contém” (Gueroult, *op. cit.*, II, 309).

55. Descartes, nas *Segundas Respostas*, declara que preferiu *mens* a *anima* no texto latino. *Mens* designa apenas o entendimento. Neste parágrafo, Descartes insiste na substancialidade da alma como puro pensamento, heterógena à substância do corpo, mas estabelece também a natureza puramente intelectual da alma.

56. Reflexão sobre as condições da certeza do *Cogito* que conduzirá à determinação do critério da certeza em geral: o conhecimento claro e distinto. “Sendo cada verdade que eu encontrava uma regra que me servia para encontrar outras...”, diz mais abaixo Descartes.

57. Gueroult (*op. cit.*, II, 307-10) mostra que o princípio “Para pensar, é preciso ser” não é a premissa maior de um raciocínio, como seria “Tudo o que pensa é”. Trata-se de um adágio sem o qual eu não teria consciência da ligação necessária entre *Cogito* e *Sum*; mas, em contrapartida, sem o *Cogito* eu tampouco teria consciência deste adágio. Por que supor, pergunta Descartes, “que o conhecimento das proposições particulares deve sempre ser deduzido de universais”?

distintamente.

[4] Em seguida, tendo refletido sobre aquilo que eu duvidava, e que, por conseqüência, meu ser não era totalmente perfeito, pois via claramente que o conhecer é perfeição maior do que o duvidar, deliberei procurar de onde aprendera a pensar em algo mais perfeito do que eu era; e conheci, com evidência, que devia ser de alguma natureza que fosse de fato mais perfeita. No concernente aos pensamentos que tinha de muitas outras coisas fora de mim, como do céu, da terra, da luz, do calor e de mil outras, não me era tão difícil saber de onde vinham, porque, não advertindo neles nada que me parecesse torná-los superiores a mim, podia crer que, se fossem verdadeiros, seriam dependências de minha natureza, na medida em que esta possuía alguma perfeição; e se não o eram, que eu os tinha do nada, isto é, que estavam em mim pelo que eu possuía de falho. Mas não podia acontecer o mesmo com a idéia de um ser mais perfeito do que o meu; pois tirá-la do nada era manifestamente impossível; e, visto que não há menos repugnância em que o mais perfeito seja uma conseqüência e uma dependência do menos perfeito do que em admitir que do nada procede alguma coisa, eu não podia tirá-la tampouco de mim próprio. De forma que restava apenas que tivesse sido posta em mim por uma natureza que fosse verdadeiramente mais perfeita do que a minha, e que mesmo tivesse em si todas as perfeições de que eu poderia ter alguma idéia, isto é, para explicar-me numa palavra, que fosse Deus<sup>58</sup>. A <sup>148</sup> isso acrescentei que, dado que conhecia algumas perfeições que não possuía, eu não era o único ser que existia (usarei aqui livremente, se vos aprouver, alguns termos da Escola); mas que devia necessariamente haver algum outro mais perfeito, do qual eu dependesse e de quem eu tivesse recebido <sup>169</sup> tudo o que possuía<sup>59</sup>. Pois, se eu fosse só e independente de qualquer outro, de modo que tivesse recebido, de mim próprio, todo esse pouco pelo qual participava do Ser perfeito, poderia receber de mim, pela mesma razão, todo o restante que sabia faltar-me, e ser assim eu próprio infinito, eterno, imutável, onisciente, todo-poderoso, e enfim ter todas as perfeições que podia notar existirem em Deus. Pois segundo os raciocínios que acabo de fazer, para conhecer a natureza de Deus, tanto quanto a minha o era capaz, bastava considerar, acerca de todas as coisas de que achava em mim qualquer idéia, se era ou não perfeição possuí-las, e estava seguro de que

---

58. Interrogação sobre a origem da idéia do perfeito que há em meu espírito. Fica estabelecido que: “1.º esta idéia não pode provir do nada que há em mim (em virtude do princípio: *ex nihilo nihil gignit*), 2.º que ela não pode vir de mim, ser imperfeito (não pode haver mais realidade no efeito do que na causa), ao passo que esta solução seria possível para as idéias que eu tenho das coisas externas. Donde: 1.º existência de outra natureza fora de mim; 2.º ... que contém todas as perfeições.

59. Deus é agora considerado como o *meu* Criador que me mantém no ser e não mais como o autor da idéia de Deus em mim existente.

nenhuma das que eram marcadas por alguma imperfeição existia nele, mas que todas as outras existiam. Assim, eu via que a dúvida, a inconstância, a tristeza e coisas semelhantes não podiam existir nele, dado que eu próprio estimaria muito estar isento delas. Além disso, eu tinha idéias de muitas coisas sensíveis e corporais; pois, embora supusesse que estava sonhando e que tudo quanto via e imaginava era falso, não podia negar, contudo, que as idéias a respeito não existissem verdadeiramente em meu pensamento; mas, por já ter reconhecido em mim mui claramente que a natureza inteligente é distinta da corporal, considerando que toda a composição testemunha dependência, e que a dependência é manifestamente um defeito<sup>60</sup>, julguei por aí que não podia ser uma perfeição em Deus o ser composto dessas duas naturezas, e que, por conseguinte, ele não o era<sup>61</sup>, mas que, se haviam alguns corpos no mundo, ou então algumas inteligências, ou outras naturezas, que não fossem inteiramente perfeitos, seu ser deveria depender do poder de Deus, de tal sorte que não pudessem subsistir sem ele um só momento<sup>62</sup>.

[70] [5] Quis procurar, depois disso, outras verdades, e tendo-me proposto o objeto dos geômetras, que eu concebia como um corpo contínuo<sup>63</sup>, ou um espaço infinitamente extenso em comprimento, largura e altura ou profundidade, divisível em diversas partes que podiam ter diferentes figuras e grandezas, e ser movidas ou transpostas de todas as maneiras, pois os geômetras supõem tudo isto em seu objeto, percorria algumas de suas mais simples [49] demonstrações. E, tendo notado que essa grande certeza, que todo o mundo lhes atribui, se funda apenas no fato de serem concebidas com evidência, segundo a regra que há pouco expressei, notei também que nada havia nelas que me assegurasse a existência de seu objeto. Pois, por exemplo, eu via muito bem que, supondo um triângulo, cumpria que seus três ângulos fossem iguais a dois retos; mas, apesar disso, nada via que garantisse haver no mundo qualquer triângulo. Ao passo que, voltando a examinar a idéia que tinha de um Ser perfeito, verificava que a existência estava aí inclusa, da mesma forme como na de um triângulo está incluso serem seus três ângulos iguais a dois retos, ou na de uma esfera serem todas as suas partes igualmente distantes do seu centro, ou mesmo, ainda

---

60. Composição implica dependência das partes, umas em relação às outras, e do todo em relação às partes.

61. Para conceber a infinita perfeição de Deus, cumpre atribuir-lhes todas as perfeições das quais possuímos apenas fragmentos e excluir dele as imperfeições que há em nós.

62. Evocação da doutrina da criação contínua: *a)* o tempo é radicalmente descontínuo (o tempo presente não depende do precedente); *b)* em cada um desses momentos descontínuos, o estado do mundo e meu pensamento são conservados no ser por Deus. Tese ligada à negação das formas substanciais. Enquanto, para Santo Tomás, “Deus instituiu uma ordem das coisas, tal que algumas dependem de outras pelas quais elas são *secundariamente conservadas no ser*”, Descartes afirma não haver nenhuma “virtude por meio da qual eu possa fazer com que eu, que sou agora, seja ainda, um instante após”.

63. Um corpo absolutamente pleno: não sendo o corpo senão extensão, a extensão que separasse duas partes de matéria seria, ela própria, um corpo.

mais evidentemente; e que, por conseguinte, é pelo menos tão certo<sup>64</sup> que Deus, que é esse Ser perfeito, é ou existe, quanto sê-lo-ia qualquer demonstração de Geometria.

[6] Mas o que leva muitas pessoas a se persuadirem de que há dificuldade conhecê-lo, e mesmo também em conhecer o que é sua alma, é o fato de nunca elevarem o espírito além das coisas sensíveis e de estarem de tal forma acostumados a nada considerar senão imaginando, que é uma forma de pensar particular às <sup>[71]</sup> coisas materiais, que tudo quanto não é imaginável lhes parece não ser inteligível. E isto é assaz manifesto pelo fato de os próprios filósofos terem por máxima, nas escolas, que nada há no entendimento que não haja estado primeiramente nos sentidos<sup>65</sup>, onde, todavia, é certo que as idéias de Deus e da alma jamais estiveram. E me parece que todos os que querem usar a imaginação para compreendê-las procedem do mesmo modo que se, para ouvir os sons ou sentir os odores, quisessem servir-se dos olhos; exceto com esta diferença ainda: que o sentido da vista não nos garante menos a verdade de seus objetos do que os do olfato ou da audição; ao passo que a nossa imaginação ou os nossos sentidos nunca poderiam assegurar-nos de qualquer coisa, se o nosso entendimento não interviesse.

[7] Enfim, se há ainda homens que não estejam bem persuadidos da existência de Deus e da alma, com as razões que apresentei, quero que saibam que todas as outras coisas, das quais se julgam talvez certificados, como a de terem um corpo, haver astros e uma terra, e coisas semelhantes, são ainda menos certas. Pois, embora se possua dessas coisas uma certeza moral, que é de tal ordem que, exceto sendo-se extravagante, parece impossível pô-la em dúvida; todavia, quando se trata da certeza metafísica<sup>66</sup>, não se pode negar, a não ser que sejamos desarrazoados, que é motivo suficiente, para <sup>[50]</sup> não estarmos inteiramente seguros a respeito, o fato de se advertir que podemos do mesmo modo imaginar, quando adormecidos, que temos outro corpo, que vemos outros astros e outra terra, sem que na realidade assim o seja. Pois, de onde sabemos que os pensamentos que ocorrem em sonhos são mais falsos do que os outros, se muitos não são amiúde menos vivos e nítidos? E, ainda que os melhores espíritos estudem o caso tanto quanto lhes

---

64. Exposição da prova *a priori*: “... ainda mais evidente”, porque a inclusão da existência necessária na essência de Deus é uma relação ainda mais simples do que as relações geométricas citadas (ela é antes comparável às verdades matemáticas indemonstráveis). “Pelo menos tão certo” significa “mais certo”: é possível estar seguro da existência de Deus, sem o estar da verdade dos teoremas matemáticos, não sendo o inverso verdadeiro.

65. Adágio escolástico. Toda essa passagem constitui um ataque ao excessivo papel concedido pelo aristotelismo e pelo tomismo à “imaginação”. Em Metafísica e na Matemática, a imaginação não poderia se de qualquer serventia.

66. Distinção entre “certeza moral” (suficiente para a vida prática) e metafísica (“quando pensamos que não é de modo algum possível que a coisa seja diferente do que julgamos”). No primeiro plano, seria loucura duvidar da existência das coisas sensíveis; no segundo, é leviandade estar “seguro” delas.

aprouver, não creio que possam dar qualquer razão que seja suficiente para desfazer essa dúvida, se não pressupuserem a existência <sup>[72]</sup> de Deus. Pois, em primeiro lugar, aquilo mesmo que há pouco tomei como regra, a saber, que as coisas que concebemos mui clara e mui distintamente são todas verdadeiras, não é certo senão ser porque Deus é ou existe, e é um ser perfeito, e porque tudo o que existe em nós nos vem dele. Donde se segue que as nossas idéias ou noções, sendo coisas reais, e provenientes de Deus em tudo em que são claras e distintas, só podem por isso ser verdadeiras. De sorte que, se temos muitas vezes outras que contêm falsidade, só podem ser as que possuem algo de confuso e obscuro, porque nisso participam do nada, isto é, são assim confusas em nós, porque nós não somos de todo perfeitos. E é evidente que não repugna menos admitir que a falsidade ou a imperfeição procedam de Deus, como tal, do que admitir que a verdade ou a perfeição procedam do nada. Ma, se não soubéssemos de modo algum que tudo quanto existe em nós de real e verdadeiro provém de um ser perfeito e infinito, por claras e distintas que fossem nossas idéias, não teríamos qualquer razão que nos assegurasse que elas possuem a perfeição de serem verdadeiras<sup>67</sup>.

[8] Ora, depois que o conhecimento de Deus e da alma nos tenha, assim, dado certeza dessa regra, é muito fácil compreender que os sonhos que imaginamos quando dormimos não devem, de modo algum, levar-nos a duvidar da verdade dos pensamentos que temos quando acordados. Pois, se acontecesse que, mesmo dormindo, tivéssemos alguma idéia muito distinta, como, por exemplo, que um geômetra inventasse qualquer nova demonstração, o sono deste não a impediria de ser verdadeira. E, quanto ao erro mais comum de nossos sonhos, que consiste em nos representarem diversos objetos tal como fazem nossos sentidos exteriores, não importa que ele nos dê ocasião de desconfiar da verdade de tais idéias, porque estas também podem nos enganar repetidas vezes, sem que estejamos dormindo, como sucede quando os que têm icterícia vêem tudo da cor amarela, ou quando os astros ou outros corpos fortemente afastados de nós se nos afiguram muito menores do que são. Pois, enfim, quer <sup>[73]</sup> estejamos em vigília, quer dormindo, nunca nos devemos deixar persuadir senão pela evidência de nossa razão<sup>68</sup>. E deve-se observar que digo de nossa razão e de modo algum de nossa imaginação, ou de nossos sentidos. Porque,

---

67. Somente após a prova da existência de um Deus perfeito (logo, imutável e não enganador — portanto garante das idéias claras e distintas), é que a regra da evidência e as outras anteriormente descobertas podem ser *colocadas como verdadeiras*. Antes disso, gozam apenas de uma certeza subjetiva, verdadeiras só quando penso nelas efetivamente.

68. Todos os argumentos possíveis do ceticismo são doravante varridos: não poderíamos ser sensíveis ao argumento do sonho, por exemplo, a não ser que ainda concedêssemos nosso crédito às imagens sensíveis. Agora só as idéias claras e distintas têm força constringedora.

embora <sup>[51]</sup> vejamos o sol mui claramente, não devemos julgar por isso que ele seja, apenas, da grandeza que o vemos; e bem podemos imaginar distintamente uma cabeça de leão enxertada no corpo de uma cabra, sem que devamos concluir, por isso, que no mundo há uma quimera; pois a razão não nos dita que tudo quanto vemos ou imaginamos, assim, seja verdadeiro, mas nos dita realmente que todas as nossas idéias ou noções devem ter algum fundamento de verdade; pois não seria possível que Deus, que é todo perfeito e verídico, as houvesse posto em nós sem isso. E, pelo fato de nossos raciocínios jamais serem tão evidentes nem tão completos durante o sono como durante a vigília, ainda de que às vezes nossas imaginações sejam tanto ou mais vivas e expressas, ela nos dita também que, não podendo nossos pensamentos serem inteiramente verdadeiros, porque não somos de todo perfeitos, tudo o que eles encerram de verdade deve encontrar-se infalivelmente naquele que temos quando acordados, mais do que em nossos sonhos.

#### QUINTA PARTE

[1] Gostaria muito de prosseguir e de mostrar aqui toda a cadeia de outras verdades que deduzi dessas primeiras. Mas, dado que, para tal efeito, seria agora necessário que falasse de muitas questões controvertidas entre os doutos, com os quais não desejo indispor-me, creio que será melhor que eu me abstenha e somente diga, em geral, quais elas são, a fim de deixar que os mais sábios julguem se seria útil que o público fosse a esse respeito mais particularmente informado. Permanecia sempre firme na resolução que tomara de não supor qualquer outro princípio, exceto aquele de que acabo de me servir para demonstrar a existência de Deus e da alma, e de não acolher <sup>[74]</sup> coisa alguma por verdadeira que não me parecesse mais clara e mais certa do que me haviam parecido anteriormente as demonstrações dos geômetras. E, no entanto, ousou dizer que não só encontrei meio de me satisfazer em pouco tempo no tocante a todas as principais dificuldades que costumam ser tratadas na Filosofia, mas também que notei certas leis que Deus estabeleceu de tal modo na natureza, e das quais imprimiu tais noções em nossas almas que, depois de refletir bastante sobre delas, não poderíamos duvidar que não fossem exatamente observadas em tudo o que existe ou se faz no mundo<sup>69</sup>. Depois, considerando a

---

69. As “leis da natureza” são as regras constantes instituídas por Deus e “segundo as quais se efetuam as mudanças na matéria”: conservação da quantidade de movimento, princípio de inércia, leis do choque dos corpos, etc... Elas nada têm em comum com a lei no sentido determinista, como sublinha Belaval no seu *Leibniz [critique de] et Descartes*: “Descartes e Leibniz pensam na natureza tão-somente no contexto teológico da Criação; as leis serão *regras, máximas razões*, que o legislador supremo faz reinar na

seqüência dessas leis, parece-me ter descoberto muitas verdades mais úteis e mais importantes do que tudo quanto aprendera até então, ou mesmo esperava aprender.

[2] Mas, dado que tentei explicar as principais num tratado que certas considerações me impedem de publicar<sup>70</sup>, não poderia dá-las melhor a <sup>52</sup> conhecer do que dizendo aqui, sumariamente, o que ele contém. Eu pretendia, antes de escrevê-lo, incluir nele tudo o que julgava saber quanto à natureza das coisas materiais. Mas, tal como os pintores que, não podendo representar igualmente bem num quadro plano todas as diversas faces de um corpo sólido, escolhem uma das principais, que colocam à luz, e, sombreando as outras, só as fazem aparecer tanto quanto se possa vê-las ao olhar aquela; assim, temendo não poder pôr em meu discurso tudo o que tinha no pensamento, tentei apenas expor bem amplamente o que concebia da luz; depois, no seu ensejo, acrescentar alguma coisa a sobre o sol e as estrelas fixas, porque a luz procede quase toda deles; sobre os céus, porque a transmitem; sobre os planetas, os cometas e a terra, porque a refletem; e, em particular, sobre todos os corpos que há sobre a Terra, porque são ou coloridos, ou transparentes, ou brilhantes; e, enfim, sobre o homem, porque é o seu espectador. Também, para sombrear um pouco todas essas <sup>75</sup> coisas e poder dizer mais livremente o que julgava a seu respeito, sem ser obrigado a seguir nem a refutar as opiniões aceitas entre os doutos, resolvi-me a deixar todo esse mundo às suas disputas, e a falar somente do que aconteceria num novo, se Deus criasse agora em qualquer parte, nos espaços imaginários<sup>71</sup>, bastante matéria para compô-lo<sup>72</sup>, e se agitasse diversamente, e sem ordem, as diferentes partes desta matéria, de modo que compusesse com ela um caos tão confuso quanto os poetas possam fazer crer, e que, em seguida, não fizesse outra coisa senão prestar o seu concurso comum<sup>73</sup> à natureza, e deixá-la agir segundo as leis por ele estabelecidas. Assim, primeiramente, descrevi essa

---

constituição do mundo” (pág. 453).

70. *O Mundo* ou *Tratado da Luz* que Descartes, devido à condenação de Galileu, deixara de publicar (1634).

71. Ironicamente, Descartes situa o seu “mito” da formação do mundo nos “espaços imaginários”, noção escolástica, para ele inadmissível, já que não pode haver espaço não cheio se, como ele pensa, espaço e matéria se reciprocam.

72. Aqui começa o resumo da falsa “hipótese” da formação do mundo. Falsa não tanto por prudência (o processo revolucionário contradiz o relato das Escrituras) quanto por razão. A razão é que me faz ver que “seria contrário à onipotência de Deus que este não criasse o mundo desde o começo com toda a perfeição que deveria ter” (*Princípios*, III, art. 45). Esta hipótese terá, pois, um valor metodológico: “Quão melhor conheceríamos qual foi a natureza de Adão e das árvores do Paraíso, se tivéssemos examinado como os filhos se formam pouco a pouco no ventre de suas mães e como as plantas saem de suas sementes, do que se tivéssemos somente considerado quais eram quando Deus os criou; do mesmo modo, entenderemos melhor qual é, em geral, a natureza de todas as coisas existentes no mundo, se pudermos imaginar alguns princípios que sejam muito inteligíveis e muito simples, os quais nos façam ver claramente que os astros e a terra, e enfim todo este mundo visível poderia ser produzido assim apenas de algumas sementes, embora saibamos que ele não foi produzido desta maneira ...” (*Prin.*, III, art. 45).

73. O “concurso extraordinário” é oposto ao “concurso ordinário” (os milagres): é a ação pela qual Deus conserva o mundo com suas leis.

matéria e procurei representá-la de tal modo que nada há no mundo, parece-me, mais claro nem mais inteligível, exceto o que há pouco foi dito sobre Deus e a alma; pois supus mesmo, expressamente, que não existia nela nenhuma dessas formas ou qualidades acerca das quais se disputa nas escolas, nem, de modo geral, qualquer coisa cujo conhecimento não fosse tão natural às nossas almas que não se <sup>73</sup> pudesse mesmo fingir ignorá-la<sup>74</sup>. Além disso, fiz ver quais eram as leis <sup>76</sup> da natureza; e, sem apoiar minhas razões em nenhum outro princípio, a não ser no das perfeições infinitas de Deus<sup>75</sup>, procurei demonstrar todas aquelas que pudessem suscitar qualquer dúvida e mostrar que elas são tais que, embora Deus tivesse criado muitos mundos, não poderia existir um só em que deixassem de ser observadas. Depois disso, indiquei como a maior parte da matéria desse caos devia, em seqüência dessas leis, dispor-se e arranjar-se de uma certa forma que a torna semelhante aos nossos céus; como, entretanto, algumas de suas partes deviam compor uma terra, alguns dos planetas e cometas, e outras, um sol e estrelas fixas. E neste ponto, estendendo-me sobre o tema da luz, expliquei bem longamente qual era a que se devia encontrar no sol e nas estrelas, e como, a partir daí, atravessava num instante os imensos espaços dos céus<sup>76</sup>, e como se refletia dos planetas e dos cometas para a terra. Juntei a isso também várias coisas atinentes à substância, situação, movimentos e todas as várias qualidades desses céus e desses astros; <sup>77</sup> de sorte que pensava ter dito a respeito o suficiente, para fazer compreender que nada se nota nos deste mundo que não devesse, ou ao menos não pudesse, parecer totalmente semelhante nos do mundo que estava descrevendo. Daí vim a falar particularmente acerca da terra: como, embora houvesse expressamente suposto que Deus não pusera peso algum<sup>77</sup> na matéria de que ela era <sup>74</sup> composta, todas as suas partes

---

74. Esta referência à Física escolástica torna sensível o alcance polêmico da doutrina das idéias claras e distintas e da redução da matéria à extensão. A evacuação das formas substanciais (isto é, do princípio interno que, em cada corpo, governa as operações deste) torna a natureza inteiramente transparente ao entendimento. Mas as coisas já não têm “força interior pela qual elas se conservam no ser”, como nota um teólogo da época. (Citado por Bréhier, *La Philosophie et son Passé*, pág. 132).

75. Sobre tudo a *imutabilidade*, essencial ao princípio da inércia (que Descartes foi o primeiro a enunciar: “Cada parte da matéria, em particular, continua no mesmo estado, enquanto o encontro com outras não a obrigue a mudá-lo”) e ao princípio de conservação da quantidade de movimento.

76. A luz não é um movimento (“Nenhum movimento ocorre no instante”, *Princípios*, II, art. 39), mas é uma ação instantânea (“A força da luz não consiste absolutamente na duração de qualquer movimento”) que anima as partículas da matéria sutil mais próxima ao mesmo tempo que a mais distante. Assim, as diferentes partes do raio luminoso são contemporâneas, embora espacialmente dependentes umas das outras, e o instante de luz é um estado que exclui toda duração (é verdade que a “duração” é apenas “uma maneira de considerarmos uma coisa enquanto ela continua existindo”, *Prin.*, I, 55), um conceito à medida do nosso espírito finito). A medição, por Cassini e Huyghens, da velocidade da luz destruirá esta tese do instante como indivisível fora do tempo; “Ao substituir, com efeito, no coração das coisas criadas, o dinâmico pelo estático (esta descoberta) impossibilitava a redução do físico ao puro geométrico” (Gueroult, *Descartes*, I, 273). Cf. *Cartas*, a Beeckmann, de 22 de agosto de 1634, onde é afirmada a importância capital desta teoria: se ela for falsa, o mundo poderá conter vazio, matéria e extensão deixam de se reciprocitar e a Física de Descartes se esboroará.

77. Entenda-se *gravitas* no sentido de “tendência do elemento a se dirigir para baixo”. A gravidade não é

não deixavam de tender exatamente para o seu centro; como, havendo água e ar à sua superfície, a disposição dos céus e dos astros, principalmente da Lua, devia nela causar um fluxo e refluxo, que fosse semelhante, em todas as suas circunstâncias, ao que se observa nos nossos mares; e além disso, certo curso, tanto da água como do ar, do levante para o poente, tal como se observa também entre os trópicos; como as montanhas, os mares, as fontes e os rios podiam naturalmente formar-se nela, e os metais aparecerem nas minas, e as plantas crescerem nos campos, e em geral todos os corpos denominados mistos ou compostos<sup>78</sup> serem nela engendrados. E entre outras coisas, já que após os astros nada conheço no mundo, a não ser o fogo, que produza a luz, apliquei-me a explicar bem claramente tudo o que pertence à sua natureza, como ele se faz, como se nutre; como existe às vezes apenas calor sem luz<sup>79</sup>, e outras vezes, luz sem calor<sup>80</sup>; como pode introduzir diversas cores em diversos corpos e diversas outras qualidades; como funde uns e endurece outros; como os pode consumir a quase todos ou converter em cinzas e em fumo; e enfim, como dessas cinzas, só pela violência de sua ação, firma o vidro; pois, parecendo-me essa transmutação de cinzas em vidro tão admirável como nenhuma outra que se produza na natureza, deu-me particular prazer descrevê-la.

[3] Todavia, não desejava inferir, de todas essas coisas, que este mundo tivesse sido criado da forma como propunha; pois é bem mais verossímil que, desde o começo, Deus o tenha tomado tal como devia ser. Mas é certo, e é uma opinião comumente adotada entre os teólogos, que a ação pela qual ele agora qual o criou: de modo que, embora não lhe houvesse dado, no começo, outra forma senão a do Caos, desde que, tendo estabelecido as leis da natureza, lhe tenha prestado seu concurso, para ela agir assim como costuma, pode-se crer, sem prejudicar o milagre da criação, que só por isso todas as coisas que são puramente materiais poderiam, com o tempo, tornar-se tais como as vemos no presente<sup>81</sup>. E sua natureza é bem mais fácil de ser conceber, quando as vemos nascer pouco a pouco desta maneira, do que quando já as consideramos totalmente feitas.

---

uma qualidade última do corpo e tampouco resulta da atração do grave pela terra, mas de um empuxo do corpo pela “matéria sutil que gira ao redor da terra”. Sobre a dificuldade que Descartes tem, a partir daí, para determinar “o retardamento que recebe o movimento dos corpos pesados, devido ao ar em que se movem”, cf. *Cartas*, a Mersenne, de 22 de junho de 1637, e a obra de Alexandre Koyré, *La Loi de la Chute des Corps, Descartes et Galilée*.

78. Entenda-se: os corpos que são combinações de elementos; pois os elementos cartesianos já não são o frio, o quente, o seco e o úmido, mas três ordens de matéria, definidas pelo volume, e pelo movimento de suas partes. Cf. *Princípios*, III, arts. 52-54.

79. Exemplo: a cal viva.

80. Exemplo: as estrelas cadentes.

81. “Sendo estas leis a causa de que a matéria deva tomar sucessivamente todas as formas de que é capaz, se considerarmos por ordem todas estas formas, poderemos, enfim, chegar àquela que se encontra presentemente neste mundo” (*Princípios*, III, art. 47).

[4] Da descrição dos corpos inanimados e das plantas, passei à dos animais e particularmente à dos homens. Mas, como não contava ainda suficiente conhecimento para falar deles no mesmo estilo que do resto, isto é, demonstrando os efeitos pelas causas, e mostrando de quais sementes e de que maneira a natureza deve produzi-los, contentei-me em supor que Deus formasse o corpo de um homem inteiramente semelhante a um dos nossos, tanto na figura exterior de seus membros como na conformação interior de seus órgãos, sem compô-lo de outra matéria além da que eu descrevera, e sem pôr nele, no começo, qualquer alma racional, nem qualquer outra coisa para servir-lhe de alma vegetativa ou sensitiva, senão que excitasse em seu coração um desses fogos sem luz que eu já explicara, e que não concebia nenhuma outra natureza, exceto a que aquece o feno quando o guardam antes de estar seco, ou a que faz ferver os vinhos novos quando ficam a fermentar sobre o bagaço. Pois, examinando as funções que, em virtude disso, podiam estar neste corpo, encontrava exatamente todas as que podem estar em nós sem que o pensemos, nem por conseguinte que a nossa alma, ou seja, essa parte distinta do corpo cuja natureza, como já <sup>79</sup> foi dito mais acima, é apenas a de pensar, para tal contribua, e que são todas as mesmas, o que permite dizer que os animais sem razão se nos assemelham, sem que eu possa achar para isso qualquer daquelas razões que, sendo dependentes do pensamento, são as únicas que nos pertencem enquanto homens, ao passo que achava a todas em seguida, ao supor que Deus criara uma alma racional e que a juntara a esse corpo de uma certa maneira que descrevia<sup>82</sup>.

[5] Mas, a fim de que se possa ver de que modo eu tratava esta matéria, quero apresentar aqui a explicação do movimento do coração e das artérias, o qual, sendo o primeiro e o mais geral que se observa nos animais, permitirá julgar facilmente, a partir dele, o que se deve pensar de todos os outros. E, para que se tenha menos dificuldade de entender o que vou dizer a esse respeito, gostaria que todos os que não são versados em anatomia se dessem ao trabalho, antes de ler isto, de mandar cortar diante deles o coração de um grande animal que possua pulmões, pois é em tudo semelhante ao do homem, e que peçam para que se lhes mostrem as duas câmaras ou concavidades nele existentes. Primeiramente, a que está no lado direito<sup>83</sup>, a que correspondem dois tubos muito largos: a

---

82. Trata-se, portanto, de uma reconstituição imaginária de homem enquanto animal-máquina, antes da inserção da alma. Na realidade, o corpo humano nunca é uma máquina, pois está sempre unido a uma alma. Mas esta redução mostra que a única função da alma é o pensamento, e que é preciso, portanto, renunciar às noções escolásticas de alma sensitiva ou vegetativa. “No homem, a alma é uma e é a alma racional ... as faculdades que dão ao corpo vida e movimento, e que denominamos nas plantas e nos animais alma vegetativa e alma sensitiva, encontram-se também no homem; mas, nele, não devemos denominá-las almas ...elas são de um gênero inteiramente diferente do da alma racional” (A Regius, maio de 1641).

83. O ventrículo direito.

saber, a veia cava, que é o principal receptáculo do sangue e como que o tronco da árvore da qual todas as outras veias do corpo são ramos; e a veia arteriosa<sup>84</sup>, que foi assim impropriamente designada, por se tratar efetivamente de uma artéria, a qual, tomando sua origem no coração, se divide, depois de sair dele, em muitos ramos que vão espalhar-se por toda a parte nos pulmões. Depois, a que se está no lado esquerdo<sup>85</sup>, à qual correspondem, da mesma <sup>80</sup> forma, dois tubos que são tanto ou mais largos que os precedentes: a saber, a artéria venosa<sup>86</sup>, que também foi impropriamente designada, porque não é outra coisa senão uma veia, que vem dos pulmões, onde se divide em vários ramos, entrelaçados com os da veia arteriosa e com os desse conduto que se chama gasnete<sup>87</sup>, por onde entra o ar da respiração; e a grande artéria<sup>88</sup>, que, saindo do coração, lança seus ramos por todo o corpo. Gostaria também que lhes mostrassem cuidadosamente as onze pequenas peles<sup>89</sup>, que, como outras tantas pequenas portas, abrem e fecham as quatro aberturas que há nessas duas concavidades: a saber, três à entrada da veia cava<sup>90</sup>, onde se acham de tal modo dispostas que não podem de maneira alguma impedir que o sangue nela contido corra para a concavidade direita do coração, e todavia impedem exatamente que possa dali sair; três à entrada da veia arteriosa<sup>91</sup>, que, estando dispostas bem ao contrário, permitem realmente ao sangue que está nessa concavidade passar para os pulmões, mas não ao que está nos pulmões voltar para lá; e assim<sup>92</sup> duas outras à entrada da artéria venosa, que deixam fluir o sangue dos pulmões para a concavidade esquerda do coração, mas opõem-se ao seu retorno; e três à entrada da grande artéria<sup>93</sup>, que lhe permitem sair do coração, mas impedem o seu retorno. E não há necessidade de procurar outra razão para o número dessas peles, senão a de que a abertura da artéria venosa, sendo oval devido ao local onde fica, pode ser comodamente fechada com duas, ao passo que, as outras sendo redondas, três podem melhor fechá-las. Demais, gostaria que lhes fosse dado considerar que a grande artéria e a veia arteriosa são de uma composição muito mais dura e mais firme do que a artéria venosa e a veia cava, e que as duas últimas se alargam antes de entrar no coração, formando aí como que duas bolsas, chamadas orelhas do coração, que se compõem de uma carne semelhante à deste; e que há sempre mais calor no coração do que em qualquer outro

---

84. A artéria pulmonar.

85. O ventrículo esquerdo.

86. As veias pulmonares.

87. A traquéia-artéria.

88. A aorta.

89. As válvulas.

90. A válvula tricúspide.

91. As válvulas sigmóides no orifício da artéria pulmonar.

92. A válvula mitral.

93. As válvulas sigmóides no orifício da aorta.

lugar do <sup>[81]</sup> corpo<sup>94</sup>, e, enfim, que este calor é capaz de fazer que, se uma gota de sangue entrar em suas concavidades, ela se infle prontamente e se dilate, como procedem em geral todos os líquidos quando os deixamos cair gota a gota nalgum vaso que esteja bem quente.

[6] Isso porque, depois disso, nada mais preciso dizer para explicar o movimento do coração, salvo que, quando as suas concavidades não estão cheias de sangue, este corre necessariamente da veia cava para a concavidade direita, e da artéria venosa para a esquerda; já que esses dois vasos se acham sempre cheios, e que suas aberturas, voltadas para o coração, não podem então ser tapadas; mas, tão logo tenham entrado assim duas gotas de sangue, uma em cada concavidade, estas gotas, que só podem ser muito grossas, porque as aberturas por onde penetram são muito largas, e os vasos de onde provêm muito cheios de sangue, rarefazem-se e dilatam-se por causa do calor que aí encontram; por esse meio, fazendo inflar o coração todo, empurram e fecham as cinco pequenas portas que ficam à entrada dos dois vasos de onde vêm, impedindo, assim, que desça mais sangue ao coração; e, continuando a rarefazer-se cada vez mais, empurram e abrem as seis outras pequenas portas que ficam à entrada dos dois outros vasos por onde saem, fazendo inflar por esse meio todos os ramos da veia arteriosa e da grande artéria, quase no mesmo instante que o coração, o qual, em seguida, incontinenti, se desinfla, como sucede também com essas artérias, por se resfriar o sangue que nelas entrou; e suas seis pequenas portas se fecham e as cinco da veia cava e da artéria venosa reabrem-se, dando passagem a duas outras gotas de sangue, que vão de novo inflar o coração e as artérias, tal <sup>[57]</sup> como as precedentes. E porque o sangue, que entra assim no coração, passa por essas duas bolsas que se chamam suas orelhas, daí resulta que o movimento dessas é contrário ao seu, e que elas desinflam quando ele se infla<sup>95</sup>. De resto, a fim de que aqueles que não conhecem a força das demonstrações <sup>[82]</sup> matemáticas, e não estão acostumados a distinguir as razões verdadeiras das verossímeis<sup>96</sup>, não se aventurem a negar tal fato sem exame, quero adverti-los de que esse movimento que acabo de explicar segue-se tão necessariamente da simples disposição dos órgãos que se podem ver a olho nu no coração, e do calor que se pode sentir

---

94. “O calor que todo mundo reconhece ser no coração maior do que em todas as outras partes do corpo”, diz Descartes. “Todo mundo”, isto é, a medicina grega e a tradição medieval.

95. Gilson, opondo Harvey a Descartes, nota que o erro deste é triplo: a) o coração é um órgão passivo; b) a causa da dilatação e da contração é a mesma; c) a diástole é a fase ativa, e a sístole, a fase passiva.

96. Passagem que pode parecer saborosa, mas que é muito significativa. Descartes julga estar com a verdade, visto que sua explicação é estritamente mecânica, ao passo que, para Harvey, diz ele, “é mister imaginar alguma faculdade (a contratilidade) que cause este movimento cuja natureza é mais difícil de conceber do que tudo quanto se pretende explicar por meio dela”. Do mesmo modo, Descartes verá na hipótese da atração, emitida por Gilbert, um recurso às qualidades ocultas. Não constitui ofensa a seu gênio verificar o quanto o dogmatismo do “claro e distinto” está muitas vezes longe de ser sinônimo do rigor científico, *no sentido em que o entendemos*.

com os dedos, e da natureza do sangue que se pode conhecer por experiência, como o de um relógio segue-se da força, da situação e da figura de seus contrapesos e rodas.

[7] Mas, se se pergunta como o sangue das veias não se esgota, fluindo assim continuamente para o coração, e como as artérias não se enchem demais, já que tudo quanto passa pelo coração para elas se dirige, não necessito responder algo mais do que já foi escrito por um médico da Inglaterra, a quem é preciso dar o louvor de ter rompido o gelo neste ponto, e de ser o primeiro a ter ensinado a existência de muitas pequenas passagens nas extremidades das artérias, por onde o sangue que elas recebem do coração entra nos pequenos ramos das veias, de onde ele torna a dirigir-se para o coração, de sorte que o seu curso não é mais do que uma circulação perpétua. E isso ele prova muito bem pela experiência comum dos cirurgiões, que, ligando o braço sem apertá-lo muito, acima do local onde abrem a veia, fazem que o sangue saia dela com mais abundância do que se não o houvessem ligado. E aconteceria exatamente o contrário, se eles o ligassem abaixo, entre a mão e a abertura, ou então se o ligassem mui fortemente em cima. Pois é manifesto que o laço medianamente apertado, podendo impedir que o sangue, que já está no braço, retorne ao coração pelas veias, não impede no entanto que para aí sempre afluja novo sangue pelas artérias, porque estas se situam por baixo das veias, e porque suas peles, sendo mais duras, são menos fáceis de pressionar, e também <sup>83</sup> porque o sangue procedente do coração tende com mais força a passar por elas para a mão do que a voltar daí para o coração pelas veias. E, como esse sangue sai do braço pela abertura que existe numa das veias, deve necessariamente haver algumas passagens abaixo do laço, isto é, na direção das extremidades do braço, por onde possa vir das artérias<sup>97</sup>. Ele prova, outrossim, muito bem o que diz sobre o fluxo do sangue, por certas pequenas peles, as quais se acham de tal modo dispostas em diversos pontos ao longo das veias, que não lhe permitem passar do meio do corpo para as extremidades, mas somente <sup>58</sup> retornar das extremidades para o coração, e, demais, pela experiência que mostra que todo o sangue existente no corpo pode dele sair em muito pouco tempo por uma única artéria, quando seccionada, ainda mesmo que ela fosse estreitamente ligada muito perto do coração, e seccionada entre ele e a ligadura, de sorte que não houvesse motivo de imaginar que o sangue que daí saísse proviesse de outro lugar.

[8] Mas há numerosas outras coisas que testemunham que a verdadeira causa desse movimento do sangue é a que eu disse<sup>98</sup>. Assim, primeiramente, a diferença que se nota

---

97. Resumo de um capítulo do *De Motu Cordis*, de Harvey (1628), ao qual Descartes atribui expressamente a descoberta da circulação do sangue.

98. Descartes vai mostrar, agora, que só a sua explicação dá conta do mecanismo da circulação.

entre o sangue que sai das veias e o que sai das artérias só pode proceder do fato de que, tendo-se rarefeito e como que destilado ao passar pelo coração, é mais sutil e mais vivo, e mais quente logo depois de sair dele, isto é, quando nas artérias, do que o é um pouco antes de nele entrar, isto é, quando nas veias. E, se se presta atenção, verifica-se que tal diferença só aparece realmente na direção do coração e de modo algum nos lugares que dele mais se distanciam<sup>99</sup>. Depois, a dureza das peles, de que a veia arteriosa e a grande artéria se compõem, mostra suficientemente que o sangue bate contra elas com mais força do que contra as veias<sup>100</sup>. E por que seriam a concavidade esquerda <sup>84</sup> do coração e a grande artéria mais amplas e mais largas do que a concavidade direita e a veia arteriosa, se não fosse porque o sangue da artéria venosa, tendo estado apenas nos pulmões depois de passar pelo coração, é mais sutil e rarefaz-se mais forte e mais facilmente do que aquele que vem imediatamente da veia cava<sup>101</sup>? E o que podem os médicos adivinhar, Tateando o pulso, se não sabem que, conforme o sangue muda de natureza, pode ser rarefeito pelo calor do coração mais ou menos forte e mais ou menos rápido do que antes? E, se se examina como esse calor se comunica aos outros membros, não cumpre confessar que é por meio do sangue que, passando pelo coração, nele se aquece e daí se espalha por todo o corpo? Donde resulta que, se se tira o sangue de alguma parte, tira-se-lhe da mesma maneira o calor; e, ainda que o coração fosse tão ardente quanto um ferro abrasado, não bastaria, como não basta, para aquecer os pés e as mãos, se não lhes enviasse continuamente novo sangue<sup>102</sup>. Depois, também se sabe daí que a verdadeira utilidade da respiração é trazer bastante ar fresco aos pulmões, para fazer com que o sangue, que para aí vem da concavidade direita do coração, onde foi rarefeito e como que transmudado em vapores, se espesse e se converta de novo em sangue, antes de recair na concavidade esquerda, sem o que não poderia ser próprio para servir de alimento ao fogo aí existente<sup>103</sup>. O que se conforma, visto que os animais <sup>59</sup> desprovidos de pulmões tampouco têm mais do que uma só concavidade no coração, e as crianças, que não podem usá-los, enquanto encerradas no ventre de suas mães, possuem uma abertura por onde corre o sangue da veia cava para a

---

99. Primeiro argumento contra Harvey: ele não explica como, no coração, o sangue venoso pode transformar-se em sangue arterial (ignorava-se, então, que essa transformação decorre da respiração pulmonar).

100. Segundo argumento: o sangue na artéria pulmonar e na aorta, dada a constituição dessas, deve ser sangue arterial. Ora, isso só é explicável pelo calor do coração.

101. Terceiro argumento: no ventrículo esquerdo, maior do que o direito, o sangue deve dilatar-se mais. Com efeito, tendo passado apenas pelos pulmões, onde se demorou pouco tempo, “retém mais facilidade em se dilatar e se reaquecer do que possuía antes de entrar no coração”.

102. Quarto argumento: é o sangue que alimenta o calor do corpo; mas onde há de haurir este calor, se não for no coração?

103. Por aí explicar-se-á a função da respiração: condensar, no pulmão, o sangue que fora transformado, no coração, em vapor de sangue, antes de retornar ao coração.

concauidade esquerda do coração e um conduto por onde ele vem da veia arteriosa para a grande artéria, sem passar pelos pulmões. Depois a cocção, como se faria ela no estômago, <sup>185</sup> se o coração não lhe enviasse calor pelas artérias, e com esse, alguns das mais fluidas partes do sangue, que ajudam a dissolver os alimentos que foram aí postos? E a ação que converteu o suco desses alimentos em sangue, não será ela fácil de conhecer, se se considera que este se destila, passando e repassando pelo coração, talvez mais de cem ou duzentas vezes por dia? E de que mais se necessita para explicar a nutrição e a produção dos diversos humores que existem no corpo<sup>104</sup>, exceto dizer que a força com que o sangue, ao rarefazer-se, passa do coração às extremidades das artérias leva algumas de suas partes a se deterem entre as dos membros onde se acham e a tomarem aí o lugar de algumas outras que elas expulsam; e que, conforme a situação, ou a figura, ou a pequenez dos poros que encontram, umas vão ter a certos lugares mais do que outras, da mesma forma como cada qual pode ter visto diversos crivos que, sendo diversamente perfurados, servem para separar diversos grãos uns dos outros? E, enfim, o que há de mais notável em tudo isso é a geração dos espíritos animais, que são como um vento muito sutil, ou melhor, como uma chama muito pura e muito viva que, subindo continuamente em grande abundância do coração ao cérebro, dirige-se daí, pelos nervos, para os músculos, e imprime movimento a todos os membros<sup>105</sup>; sem que seja preciso imaginar outra causa que leve as partes do sangue que, sendo as mais agitadas e as mais penetrantes, são as mais próprias para compor tais espíritos, a se dirigirem mais ao cérebro do que a outras partes; mas somente que as artérias, que as levam para aí, são aquelas que vêm do coração em linha mais reta de todas, e que, segundo as leis da Mecânica, que são as mesmas da natureza<sup>106</sup>, quando várias coisas tendem a mover-se em conjunto para um mesmo lado, onde não existe espaço suficiente para todas, tal como as <sup>186</sup> partes do sangue que saem da concauidade esquerda do coração tendem para o cérebro, as mais fracas e menos agitadas devem ser desviadas pelas mais fortes, que por esse meio aí vão ter sós.

[9] Explicara assaz particularmente todas essas coisas no tratado que pretendi outrora publicar<sup>107</sup>. E, em seguida, mostrara nele qual deve ser a estrutura dos nervos e dos músculos do corpo humano, para fazer que os espíritos animais, estando dentro, tenham a

---

104. A “nutrição” designa a assimilação do sangue pelos órgãos; os “humores” são o suor, a saliva, a urina. “E de que mais se necessita ...” significa que a explicação mecânica de todas as funções orgânicas permite eliminar a alma vegetativa dos escolásticos.

105. A teoria mecanicista há de explicar igualmente a produção dos “espíritos animais” (partículas materiais circulantes nos nervos e responsáveis pelo influxo nervoso) a partir da dilatação do sangue.

106. Acerca desta identificação do físico ao mecânico, cf. *Princípios*, IV, art. 203.

107. O *Tratado do Homem*.

força de mover seus membros: assim como se vê que as cabeças, pouco depois de decepadas, se remexem ainda, e mordem a terra, não obstante não mais sejam animadas; quais mudanças se devem efetuar no cérebro, para causar a vigília, o sono e os sonhos; como a luz, os sons, os odores, os sabores, o <sup>160</sup> calor e todas as outras qualidades dos objetos exteriores nele podem imprimir diversas idéias por intermédio dos sentidos; como a fome, a sede e as outras paixões interiores também podem lhe enviar as suas; o que deve ser nele tomado pelo senso comum<sup>108</sup>, onde essas idéias são acolhidas; pela memória, que as conserva<sup>109</sup>, e pela fantasia<sup>110</sup>, que as pode modificar diversamente e compor com elas outras novas, e pelo mesmo meio, distribuindo os espíritos animais nos músculos, movimentar os membros desse corpo de tão diversas maneiras, quer a propósito dos objetos que se apresentam a seus sentidos, quer das paixões interiores que estão nele, que os ossos se possam mover, sem que a vontade os conduza. O que não parecerá de modo algum estranho a quem, sabendo quão diversos *autômatos*<sup>111</sup>, ou máquinas móveis, a indústria dos homens <sup>187</sup> pode produzir, sem empregar nisso senão pouquíssimas peças, em comparação à grande quantidade de ossos, músculos, nervos, artérias, veias e todas as outras partes existentes no corpo de cada animal, considerará esse corpo uma máquina que, tendo sido feita pelas mãos de Deus, é incomparavelmente melhor ordenada e contém movimentos mais admiráveis do que qualquer das que possam ser inventadas pelos homens.

[10] E detivera-me particularmente neste ponto, para mostrar que, se houvesse máquinas assim, que tivessem os órgãos e a figura de um macaco, ou de qualquer outro animal sem razão, não disporíamos de nenhum meio para reconhecer que elas não seriam em tudo da mesma natureza que esses animais; ao passo que, se houvesse outras que apresentassem semelhança com os nossos corpos e imitassem tanto nossas ações quanto moralmente fosse possível, teríamos sempre dois meios muito seguros para reconhecer que nem por isso seriam verdadeiros homens. Desses, o primeiro é que nunca poderiam usar palavras, nem outros sinais, compondo-os, como fazemos para declarar aos outros os nossos pensamentos. Pois pode-se muito bem conceber que uma máquina seja feita de tal

---

108. A sede do “senso comum” é a glândula pineal (cf. *Tratado das Paixões*, I, arts. 31-32).

109. Sobre a explicação da memória corporal (distinta da memória intelectual, cf. *Cartas*, a Mersenne, de 1.º de abril de 1640), v. A.T. XI, pág. 177: os espíritos animais, que recebem a impressão de uma idéia sensível, ao saírem da glândula pineal, traçam na parte interior do cérebro figuras que se reportam às dos objetos. Por meio destas figuras, as idéias sensíveis podem tornar a formar-se “sem que a presença dos objetos aos quais se referem seja requerida. E é nisso que consiste a memória”.

110. A “fantasia” ocupa o mesmo lugar no cérebro que o “senso comum”, mas quando as imagens são aí suscitadas na ausência de todo objeto.

111. Sobre os autômatos, cf. *Cartas*, a XXX, de março de 1638.

modo que profira palavras, e até que profira algumas a propósito das ações corporais que causem qualquer mudança em seus órgãos: por exemplo, se a tocam num ponto, que pergunte o que se lhe quer dizer; se em outro, que grite que lhe fazem mal, e coisas semelhantes; mas não que ela as arranje diversamente, para responder ao sentido de tudo quanto se disser na sua presença, assim como podem fazer os homens mais embrutecidos. E o segundo é que, embora fizessem muitas coisas tão bem, ou talvez melhor do que qualquer de nós, falhariam infalivelmente em algumas outras, pelas quais se descobriria que não agem pelo conhecimento, mas somente pela disposição de seus órgãos. Pois, ao passo que a razão é um instrumento universal, que pode servir em todas as espécies de circunstâncias, tais órgãos necessitam de alguma disposição particular para cada ação particular; daí <sup>[61]</sup> resulta que é moralmente impossível que numa máquina existam bastante diversas para fazê-la agir em todas as ocorrências da vida, tal como a nossa razão nos faz agir<sup>112</sup>.

<sup>[88]</sup> [11] Ora, por esses dois meios, pode-se também conhecer a diferença existente entre os homens e os animais<sup>113</sup>. Pois é uma coisa bem notável que não haja homens tão embrutecidos e tão estúpidos, sem excetuar mesmo os insanos, que não sejam capazes de arranjar em conjunto diversas palavras, e de compô-las num discurso pelo qual façam entender seus pensamentos; e que, ao contrário, não exista outro animal, por mais perfeito e felizmente engendrado que possa ser, que faça o mesmo. E isso não acontece porque lhes falem órgãos, pois vemos que as pegas e os papagaios podem proferir palavras assim como nós, e todavia não podem falar como nós, isto é, testemunhando que pensam o que dizem; ao passo que os homens que, tendo nascido surdos e mudos, são desprovidos dos órgãos que servem aos outros para falar, tanto ou mais que os animais, costumam inventar eles próprios alguns sinais, pelos quais se fazem entender por quem, estando comumente com eles, disponha de lazer para aprender a sua língua. E isso não testemunha apenas que os animais possuem menos razão do que os homens, mas que não possuem nenhuma razão. Pois vemos que é preciso muito pouco para saber falar; e, posto que se nota desigualdade entre os animais de uma mesma espécie, assim como entre os homens, e que uns são mais fáceis de adestrar que outros, não é crível que um macaco ou um papagaio, que fossem os mais perfeitos de sua espécie, não igualassem nisso uma criança das mais estúpidas ou pelo menos uma criança com o cérebro perturbado, se a sua alma não fosse de uma natureza

112. O melhor comentário desta passagem é, além do texto citado mais acima, a carta ao Marquês de Newcastle, de 23 de novembro de 1646.

113. Para Descartes, a tese do animal-máquina, longe de abrir a porta ao materialismo, é o corolário indispensável ao espiritualismo. “A teoria dos animais-máquinas é inseparável do ‘Penso, logo existo’”, escreve Canguilhem (cf. Canguilhem, *Connaissance de la Vie*, págs. 124-160).

inteiramente diferente da nossa. E não se deve confundir as palavras com os movimentos naturais, que testemunham as paixões e podem ser imitados pelas máquinas assim como pelos animais; nem pensar, como alguns antigos, que os animais falam, embora não entendamos sua linguagem: pois, se fosse verdade, porquanto têm muitos órgãos correlatos aos nossos, poderiam fazer-se compreender tanto por nós como por seus semelhantes. É também coisa mui digna de nota que, embora existam muitos animais que demonstram mais indústria do que nós em algumas de suas ações, vê-se, todavia, que não a <sup>189</sup> demonstram nem um pouco em muitas outras: de modo que aquilo que fazem melhor do que nós não prova que tenham espírito; pois, por esse critério, tê-lo-iam mais do que qualquer de nós e procederiam melhor em tudo; mas, antes, que não o têm, e que é a natureza que atua neles segundo a disposição de seus órgãos: assim como um relógio, que é composto apenas de rodas e molas, pode contar as horas e medir o tempo mais justamente do que nós, com toda a nossa prudência.

[12] Eu descrevera, depois disso, a alma racional, e mostrara que ela não pode ser de modo algum tirada do poder da matéria, como as outras coisas de que falara, mas que deve expressamente ter sido<sup>114</sup>; e como não basta que esteja <sup>162</sup> alojada no corpo humano, assim como um piloto em seu navio, exceto talvez para mover seus membros, mas que é preciso que esteja junta e unida estreitamente com ele para ter, além disso, sentimentos e apetites semelhantes aos nossos, e assim compor um verdadeiro homem. De resto, eu me alonguei um pouco aqui sobre o tema da alma, porque é dos mais importantes; pois, após o erro dos que negam Deus, que penso haver refutado suficientemente mais acima, não há outro que afaste mais os espíritos fracos do caminho reto da virtude do que imaginar que a alma dos animais seja da mesma natureza que a nossa, e que, por conseguinte, nada temos a temer, nem a esperar, depois dessa vida, não mais do que as moscas e as formigas; ao passo que, sabendo-se o quanto diferem, compreende-se muito mais as razões que provam que a nossa é de uma natureza inteiramente independente do corpo e, por conseguinte, que não está de modo algum sujeita a morrer com ele; depois, como não se vêem outras causas que a destruam, somos naturalmente levados a julgar por isso que ela é imortal<sup>115</sup>.

---

114. A alma não pode ser engendrada pela matéria. É uma “substância” que requer um ato especial de criação. E Descartes pensa tê-lo estabelecido com mais clareza do que Santo Tomás.

115. A tese que atribui pensamento aos animais leva a colocar uma alma corruptível e mortal. Ao contrário, a explicação mecanicista vai na trilha do cristianismo: em um mesmo movimento o filósofo estabelece a separação da alma e do corpo no interesse da Física e a substancialidade da alma no interesse da religião. É necessário lembrar que os “libertinos”, contra os quais Descartes lutava (aliado ao Oratório), eram menos materialistas, na acepção atual, do que os “naturalistas”, que eles não negavam a existência da alma, mas — ao atribuir uma alma aos animais — a sua imortalidade. Em outro contexto, com respeito ao materialismo, a teoria dos animais-máquinas não trabalhará mais em favor da substancialidade da alma humana (presunção de imortalidade), porém tenderá a reduzi-la ao funcionamento cerebral (presunção de

|<sup>90</sup> SEXTA PARTE

[1] Ora, faz agora três anos que chegara ao fim do tratado que contém todas essas coisas, e que começara a revê-lo, a fim de pô-lo em mãos de um impressor, quando soube que pessoas, a quem respeito e cuja autoridade sobre minhas ações quase não é menor que minha própria razão sobre meus pensamentos, haviam desaprovado uma opinião de Física, publicada pouco antes por alguém, opinião que não quero dizer que a partilhasse, mas que nada reparara nela, antes de a censurarem, que pudesse imaginar ser prejudicial à religião ou ao Estado, nem, por conseguinte, que me impedisse de escrevê-la, se a razão mo houvesse persuadido, e isso me fez reexaminar que se encontrasse, do mesmo modo, alguma entre as minhas, na qual me tivesse enganado, não obstante o grande cuidado que sempre tomei em não acolher novas em minha confiança, das quais não tivesse demonstrações muito certas, e de não escrever nenhuma que pudesse resultar em desvantagem para qualquer pessoa. O que bastou para me obrigar a mudar a resolução que eu tomara de publicá-las. Pois, embora as razões, pelas quais eu a adotara anteriormente, fossem muito fortes, minha inclinação, que sempre me movera a detestar o mister de fazer livros, me levou incontinenti a achar muitas outras para me escusar dela. E essas razões de uma parte e de outra são tais, que não só tenho aqui algum interesse em dizê-las, como talvez o público também o tenha em conhecê-las.

[2] Nunca fiz muito caso das coisas que vinham de meu espírito, e, enquanto não recolhi outros frutos do método de que me sirvo a não ser que fiquei satisfeito no tocante a algumas dificuldades que concernem às ciências especulativas, ou então que procurei regrar meus costumes pelas razões que ele me ensinava, não me julguei obrigado a nada escrever a seu respeito. Pois, no que toca aos costumes, cada qual segue de tal forma o seu próprio parecer que se poderia encontrar tantos reformadores <sup>91</sup> quantas cabeças, se fosse permitido a outros, além dos que Deus estabeleceu como soberanos dos povos, ou então aos que concedeu suficiente graça e zelo para serem profetas, tentar mudá-los, em algo; e, embora minhas especulações me aproovessem muito, pensei que os outros também tinham as suas que lhes agradariam talvez mais. Mas, tão logo adquiri algumas noções gerais relativas à Física, e, começando a comprová-las em diversas dificuldades particulares<sup>116</sup>,

---

materialidade).

116. Segundo Gilson, trata-se do problema da construção das lunetas.

notei até onde podiam conduzir, e o quanto diferem dos princípios que foram utilizados até o presente, julguei que não podia mantê-las ocultas sem pecar grandemente contra a lei que nos obriga a procurar, no que depende de nós, o bem geral de todos os homens<sup>117</sup>. Pois elas me fizeram ver que é possível chegar a conhecimentos que sejam muito úteis à vida, e que, em vez dessa Filosofia especulativa que se ensina nas escolas, se pode encontrar uma outra prática, pela qual, conhecendo a força e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos cercam, tão distintamente como conhecemos os diversos misteres de nossos artífices, poderíamos empregá-los da mesma maneira em todos os usos para os quais são próprios, e assim nos tornar como que senhores e possuidores da natureza. O que é de desejar, não só para a invenção de uma infinidade de artifícios, que permitiriam gozar, sem qualquer custo, os frutos da terra e todas as comodidades que nela se acham, mas principalmente também para a conservação da saúde, que é sem dúvida o primeiro bem e o fundamento de todos os outros bens desta vida; pois mesmo o espírito depende tanto do temperamento e da disposição dos órgãos do corpo que, se é possível encontrar algum meio que torne comumente os homens mais avisados e mais hábeis do que foram até aqui, <sup>192</sup> creio que é na Medicina que se deve procurá-lo<sup>118</sup>. É verdade que aquela que está agora em uso contém poucas coisas cuja utilidade seja tão notável; mas, sem que alimente nenhum intuito de desprezá-la, estou certo de que não há ninguém, mesmo entre os que a profes- <sup>164</sup> sam, que não confesse que tudo quanto nela se sabe é quase nada, em comparação com o que resta saber, e que poderíamos livrar-nos de uma infinidade de moléstias, quer do espírito, quer do corpo, e talvez mesmo do enfraquecimento da velhice, se tivéssemos bastante conhecimento de suas causas e de todos os remédios de que a natureza nos dotou. Ora, tendo o desígnio de empregar toda a minha vida na pesquisa de uma ciência tão necessária, e tendo encontrado, um caminho que me parece tal que se deve infalivelmente achá-la, se o seguirmos, a não ser que disso sejamos impedidos, ou pela curta duração da vida, ou pela falta de experiências, julguei que não havia melhor remédio contra esses dois impedimentos a não ser comunicar fielmente ao público todo o pouco que

---

117. A Filosofia só pode, portanto, constituir a fundação de uma prática científica, “útil à vida”. Seu fim não reside na contemplação. Comparar com esta página — que afasta de pronto toda interpretação espiritualista do pensamento cartesiano — a passagem em que Baillet, na *Vie de M. Descartes*, relata a entrevista do jovem Descartes com o Cardeal de Bérulle. Este “fez-lhe entrever as conseqüências que poderiam ter tais pensamentos ... e a utilidade que o público daí tiraria se se aplicasse a maneira de filosofar à Medicina e à Mecânica, das quais uma produziria o restabelecimento e a conservação da saúde e a outra a diminuição e o alívio dos trabalhos dos homens” (A.T., I, 164).

118. Juntamente com a Moral e a Mecânica, a Medicina é um dos três ramos da árvore cujo tronco é a Física. No tempo do *Discurso*, Descartes alimentava ainda a esperança de poder constituir a Medicina baseada em demonstrações infalíveis de que fala a Mersenne, em janeiro de 1630. Acerca da evolução de Descartes a este respeito, cf. Gueroult, *op. cit.*, t. II.

já tivesse descoberto, e convidar os bons espíritos a esforçarem-se por passar além, contribuindo, cada qual segundo sua inclinação e seu poder, para as experiências que seria preciso fazer, e comunicando outrossim ao público todas as coisas que aprendesse, a fim de que os últimos começassem onde os precedentes houvessem acabado, e assim, juntando as vidas e os trabalhos de muitos, fôssemos todos juntos muito mais longe do que poderia ir cada um em particular.

[3] Notara mesmo, no tocante às experiências, que elas são tanto mais necessárias quanto mais avançada a gente está no conhecimento. Pois, no começo, mais vale servir-se apenas das que se apresentam por si mesmas aos nossos sentidos, e que não poderíamos ignorar, contanto que lhes dediquemos o pouco que seja de reflexão, em vez de procurar as mais raras e complicadas: a razão disso é que essas mais raras nos enganam muitas vezes, quando se conhecem ainda as causas das mais comuns, e que as circunstâncias das quais dependem são quase sempre tão particulares e tão pequenas, que é muito penoso <sup>193</sup> adverti-las<sup>119</sup>. Mas a ordem que guardei nisso foi a seguinte. Primeiramente, procurei encontrar em geral os princípios, ou primeiras causas, de tudo quanto existe, ou pode existir, no mundo, sem nada considerar, para tal efeito, senão Deus só, que o criou, nem tirá-las de outra parte, exceto de certas sementes de verdades que existem naturalmente em nossas almas. Depois disso, examinei quais os primeiros e os mais ordinários efeitos que se podem deduzir dessas causas: e parece-me que, por aí, encontrei céus, astros, uma terra, e mesmo, sobre a terra, água, ar, fogo, minerais e algumas outras dessas coisas que são as mais comuns de todas e as mais simples, e, por conseguinte, as mais fáceis de conhecer. Depois, quando quis descer às que eram mais particulares, apresentaram-se-me tão diversas, que não acreditei que fosse possível ao espírito humano distinguir as formas ou espécies de corpos que existem sobre a terra, de uma infinidade de outras que poderiam nela existir, se fosse <sup>65</sup> a vontade de Deus aí colocá-las, nem, por conseqüência, torná-las de nosso uso, a não ser que se vá ao encontro das causas pelos efeitos e que se recorra a muitas experiências particulares<sup>120</sup>. Em decorrência disso, repassando meu espírito sobre todos os objetos que

---

119. O desprezo de Descartes pelas experiências é outra lenda que é necessário denunciar. É verdade que Descartes prefere as experiências inteiramente realizadas na natureza e desconfia das experiências complicadas. No que se opõe menos ao “método experimental” do que desconfia dos amantes do maravilhoso e dos curiosos sem método.

120. As experiências particulares “instituídas expressamente com o fito de saber o que é preciso deduzir” (Gilson) só aparecem, portanto, no terceiro estágio. É inútil insistir sobre o caráter dedutivo desta Física: basta que uma “suposição” não contradiga a experiência e que a dedução seja feita “consequentemente” para que ela seja acolhida. Mas Descartes insiste alhures no aspecto racional que suas “hipóteses” oferecem em face das “fantasias” da Escola. Entre as duas Físicas, é fácil efetuar a separação: “É suficiente provar qual é a verdadeira causa de certos efeitos para dar-lhes uma de que possam claramente ser deduzidos; e pretendo que todos os efeitos de que falei pertencem a este número” (A Morin, 13 de julho de 1638).

alguma vez se ofereceram aos meus sentidos, ousou dizer que não observei nenhum que não pudesse explicar assaz comodamente por meio dos princípios que achara. Mas cumpre que eu confesse também que o poder da natureza é tão amplo e tão vasto e que esses princípios são tão simples e tão gerais, que quase não notei um <sup>194</sup> único efeito particular que eu já não soubesse ser possível deduzi-lo daí de várias maneiras diferentes, e que a minha maior dificuldade é comumente descobrir de qual dessas maneiras o referido efeito depende. Pois, para tanto, não conheço outro expediente, senão o de procurar novamente algumas experiências que sejam tais que seu resultado não seja o mesmo, se explicado de uma dessas maneiras e não de outra<sup>121</sup>. De resto, estou agora num ponto em que vejo, parece-me, muito bem qual o meio a que se deve recorrer para efetuar a maioria das que podem servir para esse efeito; mas vejo também que são tais e em tão grande número que nem as minhas mãos, nem a minha renda, ainda que eu tivesse mil vezes mais do que possuo, bastariam para todas; de sorte que, conforme tiver doravante a comodidade de fazê-las em maior ou menor número, avançarei mais ou menos no conhecimento da natureza. Fato que prometia a mim próprio tornar conhecido, pelo tratado que escrevera, e mostrar tão claramente a utilidade que daí podia advir ao público que obrigaria a todos os que desejam em geral o bem dos homens, isso é, todos os que são de fato virtuosos, e não apenas por fingimento, nem somente por opinião, tanto a comunicar-me as que já tivessem feito como a me ajudar na pesquisa das que restam por fazer.

[4] Mas sobrevieram, desde então, outras razões que me levaram a mudar de opinião e pensar que devia, na verdade, continuar escrevendo todas as coisas que julgasse de alguma importância, à <sup>166</sup> medida que fosse descobrindo sua verdade, e proporcionar-lhes o mesmo cuidado que se quisesse mandar imprimir-las: quer para ter mais ocasião de bem examiná-las, porque sem dúvida se olha sempre mais de perto o que se acha dever ser visto por muitos, do que aquilo que se faz apenas para si próprio, e, amiúde, as coisas que me pareceram verdadeiras <sup>195</sup> quando comecei a concebê-las, pareceram-me falsas quando pretendi pô-las no papel; quer para não perder nenhuma ocasião de beneficiar o público, se é que disso sou capaz, e para que, se meus escritos valem alguma coisa, os que os possuírem após a minha morte possam usá-los como for mais conveniente; mas que não

---

121. Segundo papel da experiência: ela desempata as opiniões quando são igualmente plausíveis vários modos de produção de um mesmo efeito. — Sobre a validade da Física, cf. *Princípios*, IV, arts. 204 a 206: Descartes pensa ter dado em sua Física demonstrações tão rigorosas quanto as da Matemática; mas concede que aí seria possível contentar-se com uma certeza pragmática: “Eu creerei ter feito o suficiente se as causas que expliquei forem tais que todos os efeitos que elas podem produzir se verifiquem semelhantes aos que vemos no mundo, sem me informar se são produzidos por elas ou por outras”. Esta cosmologia dogmática entremostra, assim, o que poderia ser uma Física Experimental.

devia de modo algum consentir que fossem publicados durante a minha vida, a fim de que nem as objeções e as controvérsias a que estariam talvez sujeitos, nem mesmo a reputação, qualquer que ela fosse, que me pudessem granjear, me dessem o menor ensejo de perder o tempo que desejo empregar em instruir-me. Pois, embora seja verdade que cada homem deve procurar, no que depende dele, o bem dos outros, e que é propriamente nada valer o não ser útil a ninguém, todavia é verdade também que os nossos cuidados devem estender-se mais longe que o tempo presente, e que é bom omitir as coisas que trariam talvez algum proveito aos que vivem, quando é com o intuito de fazer outras que aproveitarão mais aos nossos vindouros. Porque, com efeito, quero que se saiba que o pouco que aprendi até agora não é quase nada, em comparação com o que ignoro, e que não desespero de poder aprender; pois acontece quase o mesmo aos que descobrem pouco a pouco a verdade nas ciências, que àqueles que, começando a enriquecer, têm menos dificuldade em realizar grandes aquisições, do que tiveram outrora, quando mais pobres, em realizar outras muito menores. Ou então se pode compará-los aos chefes de exército, cujas forças costumam crescer à proporção de suas vitórias, e que necessitam de mais habilidade, para se manterem após a perda de uma batalha, do que possuem, depois de vencê-la, para tomar cidades e províncias. Pois é verdadeiramente dar batalhas procurar vencer todas as dificuldades e os erros que nos impedem de chegar ao conhecimento da verdade, e é perder uma acolher qualquer falsa opinião no tocante a uma matéria um pouco geral e importante; é preciso, em seguida, muito mais destreza para voltar ao mesmo estado em que se encontrava antes do que para fazer grandes progressos, quando já se têm princípios que sejam seguros. Quanto a mim, se deparei precedentemente com algumas verdades nas ciências (e espero que as coisas contidas neste volume<sup>122</sup> levarão a julgar que descobri algumas), posso dizer que não passam de conseqüências e dependências de cinco ou seis dificuldades principais <sup>196</sup> que sobrepujei, e que considero outras tantas batalhas em que tive a sorte a meu lado. Não temerei mesmo dizer que penso precisar ganhar apenas mais duas ou três semelhantes para levar inteiramente a cabo os meus desígnios; e que minha idade não é tão avançada que, segundo o curso ordinário da natureza, não possa ainda dispor de lazer suficiente para tal efeito. Mas creio estar tanto mais obrigado a poupar o tempo que me resta quanto maior a esperança de poder empregá-lo bem; e teria, sem dúvida, muitas ocasiões de perdê-lo, se publicasse os <sup>167</sup> fundamentos de minha Física<sup>123</sup>. Pois, embora sejam quase todos tão evidentes que basta entendê-los para os aceitar, e não

122. A saber: os três ensaios que seguem o *Discurso*.

123. Isto é, o *Tratado do Mundo*. Os “fundamentos da Física” serão publicados nos *Princípios*, mas os ataques à escolástica serão mais velados e a doutrina de Copérnico há de ser apresentada com prudência.

haja nenhum de que não pense poder dar demonstração, todavia, porque é impossível que estejam concordes com todas as diversas opiniões dos outros homens, prevejo que seria muitas vezes desviado pelas oposições que engendrariam.

[5] Pode-se dizer que essas oposições seriam úteis, tanto para me fazerem conhecer as minhas faltas, como para que, se eu tivesse algo de bom, os outros poderem, por esse meio, entendê-lo mais, e, como muitos podem ver melhor do que um homem só, para que, começando desde já a servir-se desse bem, eles me ajudassem também com suas invenções. Mas, embora reconheça que sou extremamente sujeito a falhar, e não me fio quase nunca nos primeiros pensamentos que me ocorrem, todavia a experiência que tenho das objeções que me podem ser feitas impede-me de esperar delas qualquer proveito: pois muitas vezes já comprovei os juízos, tanto daqueles que eu tinha por meus amigos quanto de alguns outros a quem eu pensava ser indiferente, e mesmo também de alguns de quem eu sabia que a malignidade e a inveja se esforçariam bastante por revelar o que o afeto ocultaria a meus amigos; mas raramente aconteceu que alguém me objetasse algo que, de modo algum, eu não houvesse previsto, a não ser que fosse coisa muito distanciada de meu assunto; de sorte que quase nunca deparei com algum censor de minhas opiniões que não me parecesse ou menos rigoroso ou menos equitativo do que eu próprio. E jamais notei tampouco que, por meio das disputas que se praticam nas escolas, alguém descobrisse alguma verdade até <sup>197</sup> então ignorada<sup>124</sup>, pois, enquanto cada qual se empenha em vencer, exercita-se bem mais em fazer valer a verossimilhança do que em pesar as razões de uma e de outra parte; e aqueles que foram durante muito tempo bons advogados nem por isso são, em seguida, melhores juízes.

[6] Quanto à utilidade que os outros colheriam da comunicação de meus pensamentos, não poderia também ser muito grande, tanto mais que ainda não os levei tão longe que não seja necessário juntar-lhes muitas coisas antes de aplicá-los ao uso. E penso poder afirmar, sem vaidade, que, se há alguém que seja capaz disso, hei de ser eu mais do que outro qualquer: não que não possam existir no mundo muitos espíritos incomparavelmente melhores que o meu; mas porque não se poderia conceber tão bem uma coisa, e torná-la sua, quando se aprende de outrem, como quando a gente mesmo a inventa. O que é tão verdadeiro, nesta matéria, que, embora tenha muitas vezes explicado algumas de minhas opiniões a pessoas de ótimo espírito, e, enquanto eu lhes falava, pareciam entendê-las mui distintamente, todavia, quando as repetiam, notei que quase sempre as mudavam de tal sorte que não mais podia confessá-las como minhas. A esse

---

124. Nova oposição entre a disputa dialética, simples exercício de linguagem, e a procura da verdade.

propósito, muito estimo pedir aqui, aos nossos vindouros, que jamais creiam nas coisas que lhes forem apresentadas como vindas de mim, se eu próprio não as tiver divulgado. E não me espantam de modo algum as extravagâncias que se atribuem a todos esses antigos filósofos, cujos escritos não possuímos, nem julgo, por isso, que os seus pensamentos tenham sido muito desarrazoados, visto serem os melhores espíritos de seu tempo, mas apenas julgo que nos foram mal relatados. Porque se vê também que quase nunca aconteceu que algum de seus sectários os haja superado: e estou seguro de que os mais apaixonados dos que seguem agora Aristóteles crer-se-iam felizes se tivessem tanto conhecimento da natureza quanto ele o teve, embora sob a condição de nunca o terem maior. São como a hera, que não tende a subir mais alto que as árvores que a sustentam, e que muitas vezes mesmo torna a descer, depois de ter chegado ao seu topo; pois me parece que também voltam a descer, isto é, tornam-se de certa forma menos sábios do que se se abstivessem de estudar, aqueles que, não contentes em saber tudo o que é inteligivelmente explicado no seu autor, querem, além disso, encontrar nele a solução de muitas dificuldades, a cujo respeito nada disse e nas quais nunca talvez pensou. Todavia, a maneira de filosofar é muito cômoda para aqueles que possuem tão-somente espíritos muito medíocres; pois a obscuridade das distinções e dos princípios de que se servem é causa de que possam falar de todas as coisas tão atrevidamente como se as soubessem, e sustentar tudo o que dizem contra os mais sutis e os mais hábeis sem que haja meio de convencê-los. Nisso se me parecem semelhantes a um cego que, para se bater sem desvantagem com alguém que vê, o fizesse vir ao fundo de uma adega escura; e posso dizer que esses têm interesse que eu me abstenha de publicar os princípios da filosofia de que me sirvo: pois, sendo muito simples e muito evidentes, como o são, faria quase o mesmo, publicando-os, que se abrisse algumas janelas e fizesse entrar a luz nessa mesma adega, para onde desceram para se bater. Mas até mesmo os melhores espíritos não devem desejar conhecê-los: pois, se querem saber falar de todas as coisas e adquirir a reputação de doutos, hão de consegui-lo mais facilmente contentando-se com a verossimilhança, que pode ser encontrada sem muito custo em todas as espécies de matérias, do que procurando a verdade, que só se descobre pouco a pouco em algumas, e que, quando se trata de falar das outras, obriga a confessar francamente que a gente as ignora. Visto que preferem o conhecimento de um pouco de verdade à vaidade de parecerem nada ignorar, como sem dúvida é bem preferível, e se pretendem seguir um intento semelhante ao meu, não precisam, para isso, que lhes diga nada mais do que já disse nesse discurso. Pois, se são capazes de passar mais adiante do que eu fui, sê-lo-ão também, com maior razão, de achar

por si próprios tudo o que penso ter achado<sup>125</sup>. Tanto mais que, não tendo jamais examinado algo a não ser por ordem, é certo que o que me falta ainda para descobrir é em si mais difícil e mais oculto do que aquilo que pude precedentemente encontrar, e teriam muito menos prazer em aprendê-lo por mim do que por si próprios; além do que, o hábito que adquirirão, procurando primeiramente coisas fáceis, e passando pouco a pouco, gradual-<sup>199</sup> mente, a outras mais difíceis, lhes servirá mais do que poderiam servir-lhes todas as minhas instruções. Porque, quanto a mim, persuadi-me de que, se me tivessem ensinado, desde a juventude, todas as verdades cujas demonstrações procurei depois, e se eu<sup>69</sup> não tivesse nenhuma dificuldade em aprendê-las, jamais saberia talvez algumas outras, e pelo menos jamais teria adquirido o hábito e a facilidade, que penso ter, para sempre descobrir outras novas, à medida que me aplico a procurá-las. E, numa palavra, se há no mundo alguma obra que não possa ser tão bem acabada por nenhum outro exceto pelo mesmo que a começou, é aquela em que trabalho.

[7] É verdade que, no concernente às experiências que podem servir para isso, um único homem não poderia bastar para as fazer todas; mas não poderia também empregar utilmente outras mãos que não as suas, exceto as dos artífices ou pessoas tais a quem pudesse pagar, e a quem a esperança do ganho, que é um meio muito eficaz, faria executar exatamente todas as coisas que ele lhes prescrevesse. Pois, quanto aos voluntários, que, por curiosidade ou desejo de aprender, se oferecessem talvez para o ajudar, além de comumente apresentarem mais promessas do que resultado e de não fazerem senão belas proposições de que nenhuma jamais logra êxito, desejariam infalivelmente ser pagos pela explicação de algumas dificuldades, ou ao menos por cumprimentos e conversas inúteis, que lhe custariam sempre algum tempo, por pouco que perdesse. E, quanto às experiências já feitas pelos outros, ainda que quisessem lhas comunicar, o que aqueles que as chamam de segredos nunca o fariam, são, na maioria, compostas de tantas circunstâncias, ou ingredientes supérfluos, que lhe seria muito penoso decifrar-lhes a verdade; além de que as encontraria quase todas tão mal explicadas, ou mesmo tão falsas, porquanto aqueles que as efetuaram esforçaram-se por torná-las conformes com seus princípios que, se algumas houvessem que lhe servissem, não poderiam valer outra vez o tempo que teria de empregar a fim de escolhê-las. De modo que, se estivesse no mundo alguém, de quem se soubesse que seria seguramente capaz de encontrar as maiores coisas e as mais úteis possíveis ao público, e a quem, por essa causa, os demais homens se esforçassem, por todos os meios,

---

125. O *Discurso* não é, pois, um equivalente das *Regulae*: pode-se considerá-lo não como uma exposição do método mas simplesmente como um prefácio a aplicações do método.

em auxiliar na realização de seus desígnios, não vejo que pudessem fazer mais por ele além de custear os gastos nas experiências de que necessitasse e, de resto, impedir que seu lazer lhe fosse arrebatado pela importunidade de pessoa <sup>[100]</sup> alguma. Mas, além de que não presumo tanto de mim mesmo, que deseje prometer algo de extraordinário, nem me alimente de pensamentos tão vãos, como os de imaginar que o público se deva interessar muito com meus projetos, não tenho também a alma tão baixa, que queira aceitar de quem quer que seja qualquer favor, que possa crer que eu não tenha merecido.

[8] Todas essas considerações juntas foram causa, há três anos, de que eu não quisesse divulgar o tratado que tinha em mãos, e mesmo que adotasse a resolução de não elaborar nenhum outro, durante minha vida, que fosse tão geral, nem do qual se pudesse conhecer os fundamentos de minha Física. Mas em seguida houve de novo duas outras razões, que me obrigaram a apresentar aqui alguns ensaios particulares, e a prestar ao público alguma conta de minhas ações e de meus desígnios. A primeira é que, se deixasse de fazê-lo, muitos, que souberam da intenção que eu alimentava anteriormente de mandar imprimir alguns escritos, poderiam imaginar que as causas pelas quais me absterivera disso fossem mais desvantajosas para mim do que na realidade o são. Pois, embora não ame a glória em excesso, ou <sup>[70]</sup> mesmo, se ousar dizê-lo, a deteste, na medida em que a julgo contrária ao repouso, que estimo acima de todas as coisas, todavia nunca procurei esconder minhas ações como crimes, nem usei muitas precauções para ficar desconhecido; tanto por crer que isso me faria mal, como por saber que me daria uma espécie de inquietação, que seria mais uma vez contrária ao perfeito repouso de espírito que procuro. E visto que, tendo-me sempre mantido assim indiferente entre o cuidado de ser conhecido e o de não sê-lo, não pude evitar de conquistar certa reputação, pensei que devia fazer o máximo para me livrar ao menos de a ter má. A outra razão que me obrigou a escrever este livro é que, vendo todos os dias mais e mais o retardamento que sofre o meu intento de me instruir, por causa de uma infinidade de experiências de que necessito, o que me é impossível realizá-lo sem a ajuda de outrem, embora não me lisonjeie tanto a ponto de esperar que o público tome grande parte em meus interesses, todavia não quero faltar tanto a mim próprio que dê motivo aos que me sobreviverão para me censurar um dia de que eu podia ter-lhes deixado muitas coisas bem melhores do que as que deixei, se não me tivesse negligenciado demais em fazê-los compreender em que poderiam contribuir para os meus projetos.

<sup>[101]</sup> [9] E pensei que me era fácil escolher algumas matérias que, sem estarem expostas a muitas controvérsias, nem me obrigarem a declarar mais do que desejo sobre os meus princípios, não deixariam de mostrar assaz claramente o que posso ou não posso nas

ciências. E nisso eu não poderia dizer se fui bem sucedido e não quero predispor os juízos de ninguém, falando eu próprio dos meus escritos; mas estimaria muito que fossem examinados e, para que haja tanto mais ocasião, suplico a todos os que tiverem quaisquer objeções a fazer-lhes que se dêem ao trabalho de enviá-las ao meu livreiro, para que, sendo advertido, procure juntar-lhes ao mesmo tempo a minha resposta; e por esse meio, os leitores, vendo em conjunto uma e outra, julgarão tanto mais facilmente a verdade. Pois prometo nunca lhes dar respostas longas, mas somente confessar minhas faltas mui francamente, se as reconhecer, ou então, caso não consiga percebê-las, dizer simplesmente o que julgar necessário para a defesa das coisas que escrevi, sem acrescentar a explicação de qualquer nova matéria, a fim de não me enredar sem fim entre uma e outra.

[10] Se algumas daquelas de que falei, no começo da *Dióptrica* e dos *Meteoros*, chocam de início, por eu as denominar suposições, e por parecer que não anseio prová-las, que se tenha a paciência de ler o todo com atenção, e espero que todos hão de se ver satisfeitos. Pois se me afigura que nelas as razões se seguem de tal modo que, como as derradeiras são demonstradas pelas primeiras, que são as suas causas, essas primeiras o são reciprocamente pelas últimas, que são seus efeitos. E não se deve imaginar que cometo com isso a falta que os lógicos chamam um círculo<sup>126</sup>; pois, como a experiência torna a maioria desses efeitos muito certos, as causas das quais os deduzo não servem tanto para prová-los como servem para explicá-los; mas bem ao contrário, são elas que são provadas por eles. E não as chamei suposições só para que se saiba que penso poder deduzi-las dessas primeiras verdades que expliquei mais acima, mas que expres- <sup>[71]</sup> samente não o quis fazer para impedir que certos espíritos, que imaginam saber num dia tudo o que um outro pensou em vinte anos, tão logo ele lhes diz apenas duas ou três palavras a respeito, e que são tanto mais sujeitos a falhar, <sup>[102]</sup> e menos capazes da verdade quanto mais penetrantes e vivos são, não pudessem aproveitar a ocasião para erigir alguma Filosofia extravagante sobre o que acreditariam ser os meus princípios, e que depois me atribuissem a culpa disso. Pois, quanto às opiniões que são totalmente minhas, não as desculpo de serem novas, tanto mais que, se se considerarem bem as suas razões, estou certo de que serão julgadas tão simples e tão conformes ao senso comum que parecerão menos extraordinárias e menos estranhas do que quaisquer outras que se possa ter sobre os mesmos assuntos. E não me vanglorio também de ser o primeiro inventor de qualquer delas, mas antes de não as ter jamais acolhido, nem pelo fato de terem sido proferidas por

---

126. Cf. *Cartas*, a Morin, de 13 de julho de 1638, onde Descartes se defende da acusação do “círculo lógico” e estabelece a diferença entre “provar” e “explicar”.

outrem, nem pelo que possam ter sido, mas unicamente porque a razão mas fez aceitar.

[11] Se os artífices não puderem tão cedo executar a invenção que é explicada na *Dióptrica*, não creio que se possa dizer, por isso, que ela seja má: pois, desde que é preciso destreza e hábito para fazer e ajustar as máquinas que descrevi, sem que nelas falte qualquer circunstância, não me espantaria menos se eles as lograssem no primeiro lance, do que se alguém conseguisse aprender, num dia, a tocar o alaúde excelentemente, tão-só porque lhe foi fornecida uma boa tavolatura. E se escrevo em francês, que é língua de meu país, e não em latim, que é o de meus preceptores, é porque espero que aqueles que se servem apenas de sua razão natural inteiramente pura julgarão melhor minhas opiniões do que aqueles que não acreditam senão nos livros antigos. E quanto aos que unem o bom senso ao estudo, os únicos que desejo para meus juizes, não serão de modo algum, tenho certeza, tão parciais em favor do latim que recusem ouvir minhas razões, porque as explico em língua vulgar.

[12] Além disso, não quero falar aqui, em particular, dos progressos que no futuro espero fazer nas ciências, nem me comprometer em relação ao público com qualquer promessa que não tenha certeza de cumprir: mas direi unicamente que resolvi não empregar o tempo de vida que me resta em outra coisa exceto procurar adquirir algum conhecimento da natureza, que seja de tal ordem que dele se possam tirar normas para a Medicina, mais seguras do que as adotadas até agora; e que minha inclinação me afasta tanto de qualquer espécie de outros desígnios, principalmente dos que não poderiam ser úteis a uns <sup>103</sup> sem prejudicar a outros, que, se algumas circunstâncias me compelissem a dedicar-me a eles, não creio que fosse capaz de lograr êxito. Pelo que, faço aqui uma declaração que, sei muito bem, não poderá servir para me tornar notável no mundo, mas tampouco tenho o qualquer desejo de sê-lo; e ficarei sempre mais obrigado àqueles graças aos quais desfrutarei sem impedimento do meu lazer, do que o seria aos que me oferecessem os mais honrosos empregos da terra.